



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**O GÊNERO TEXTUAL *FANFIC* NAS AULAS
DE LÍNGUA PORTUGUESA**

IZABELLE OLIVEIRA BEZERRA DE LIMA

**MAMANGUAPE-PB
2021**

IZABELLE OLIVEIRA BEZERRA DE LIMA

**O GÊNERO TEXTUAL *FANFIC* NAS AULAS
DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal da Paraíba – Campus IV, em
cumprimento aos requisitos para a obtenção do título
de Licenciado em Letras/Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fernanda Barboza de Lima

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L732g Lima, Isabelle Oliveira Bezerra de.
O gênero textual fanfic nas aulas de língua portuguesa
/ Isabelle Oliveira Bezerra de Lima. - João Pessoa,
2021.
74 f. : il.

Orientação: Fernanda Barboza de Lima.
TCC (Graduação) - UFPB/CCAE.

1. Ensino de português. 2. Letramento digital. 3.
Fanfic. I. Lima, Fernanda Barboza de. II. Título.

UFPB/CCAE CDU 811.134.3

IZABELLE OLIVEIRA BEZERRA DE LIMA

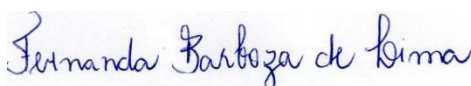
O GÊNERO TEXTUAL *FANFIC* NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal da Paraíba – Campus IV, em
cumprimento aos requisitos para a obtenção do título
de Licenciado em Letras/Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fernanda Barboza de Lima

Aprovado em 2 de julho de 2021

BANCA EXAMINADORA



Prof^a Dr^a Fernanda Barboza de Lima
(Orientadora – UFPB/DL)



Prof^a Dr^a Luciane Alves
Santos (Examinadora 1-
UFPB/DL)



Prof^a Dr^a Luana Francisleyde Pessoa de Farias
(Examinadora 2- UFPB/DL)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem Ele em minha vida eu não teria conseguido finalizar este trabalho, e sem Sua permissão eu não chegaria até aqui.

A minha família, minha irmã Elilaura, meu cunhado Manoel Júnior e meu sobrinho Micael por serem a melhor família que eu podia ter e terem me acompanhado durante esse percurso importante em minha vida.

A meu amado Luiz Cândido por ter me entendido, auxiliado e me encorajado em todo o processo.

A minha melhor amiga, Ana Gabrielly por seus conselhos e sugestões nas horas mais difíceis.

A todos anteriormente citados por estarem comigo nos piores momentos de ansiedade, não conseguiria sem a ajuda de vocês.

*“Tudo o que fizerem, façam de todo o coração,
como para o Senhor, e não para os homens.
(Colossenses 3:23)*

RESUMO

A inserção da internet na sociedade proporcionou mudanças significativas no modo de viver e pensar dos indivíduos. No ambiente escolar, esta mudança ocorreu e vem ocorrendo de forma gradativa, e respeitando os parâmetros educacionais, visto que a educação é construída pelos indivíduos e sua adaptação requer diversos fatores. Ensinar a Língua Portuguesa e seus eixos como leitura, escrita e gramática, com foco nos letramentos digitais, pode não parecer acessível para alguns docentes, sobretudo, aqueles que estão acostumados a uma metodologia mais conservadora. Entretanto, as mídias digitais e os gêneros textuais que surgem delas podem ser uma forma de aliar o ensino de português a práticas de linguagem que fazem parte da vida do aluno. Nesta perspectiva, o presente trabalho objetiva compreender como o gênero fanfic pode contribuir para aulas de Língua Portuguesa no ensino médio, questionando se os professores estariam dispostos a pensar práticas de ensino em torno desse gênero e como os alunos reagiriam a isso. Nossa pesquisa teve abordagem quali quantitativa e utilizou como procedimentos, a pesquisa bibliográfica e a aplicação de questionários junto a professores e alunos do ensino médio durante 8 de maio até 7 de junho. Para fundamentar nossas discussões, utilizamos obras como as de Antunes (2009), Marcuschi (2008), Ferrarezi Jr. e Carvalho (2017), Bakhtin (1991), Lopes-Rossi (2011), Rojo (2002), Soares (1999), Kleiman (2005) e Coscarelli (2017), entre outras, além de consultarmos os documentos orientadores de Língua Portuguesa, como os PCN (2002) e a BNCC (2019). Ao fim da nossa trajetória, concluímos que a inserção do gênero fanfic pode contribuir com as atividades de leitura, escrita e o ensino de gramática, ao passo que instiga o aluno a se envolver em práticas de linguagem em torno de um gênero que ele já conhece e se interessa em seu cotidiano, como ficou demonstrado com a pesquisa.

Palavras-chave: Ensino de português. Letramento digital. Gêneros textuais. Fanfic.

ABSTRACT

The insertion of the internet in society provided significant changes in the way of living and thinking of individuals. In the school environment, this change has occurred and is occurring gradually, and respecting educational parameters, since education is built by individuals and its adaptation requires several factors. Teaching the Portuguese language and its axes such as reading, writing and grammar, with a focus on digital literacy, may not seem approachable for some teachers, especially those who are used to a more conservative methodology. However, digital media and the textual genres that emerge from them can be a way to combine Portuguese teaching with language practices that are part of the student's life. In this perspective, this work aims to understand how the fanfic genre can contribute to Portuguese language classes in high school, questioning whether teachers would be willing to think teaching practices around this genre and how students would react to it. Our research had a qualitative approach and used as procedures, the bibliographical research and the application of questionnaires with teachers and high school students during May 8th and July 7th. To support our discussions, we used works such as those by Antunes (2009), Marcuschi (2008), Ferrarezi Jr. and Carvalho (2017), Bakhtin (1991), Lopes-Rossi (2011), Rojo (2002), Soares (1999), Kleiman (2005) and Coscarelli (2017), among others, in addition to consulting the guiding documents of the Portuguese Language, such as the PCN (2002) and the BNCC (2019). At the end of our trajectory, we concluded that the inclusion of the fanfic genre can contribute to reading, writing and grammar teaching activities, while it encourages the student to engage in language practices around a genre he/she already knows and is interested in their daily lives, as demonstrated by the research.

Keywords: Teaching Portuguese. Digital literacy. Textual genres. Fanfic.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1 O ENSINO DE ESCRITA NAS AULAS DE PORTUGUÊS	11
2.2 GÊNEROS TEXTUAIS E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	16
2.2.1 O gênero fanfic.....	22
2.3 REFLEXÕES SOBRE LETRAMENTOS E IMPORTÂNCIA DOS LETRAMENTOS DIGITAIS	24
3. METODOLOGIA.....	32
4. ANÁLISE DE DADOS.....	34
4.1 QUESTÕES APLICADAS JUNTO AOS PROFESSORES E ANÁLISE DAS RESPOSTAS.....	34
4.2 QUESTÕES APLICADAS JUNTO AOS ALUNOS E ANÁLISE DAS RESPOSTAS..	47
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
6. REFERÊNCIAS	62

APÊNDICES

1. INTRODUÇÃO

O ensino de língua portuguesa perpassou por várias fases até a sua contemporaneidade, em que há o uso de documentos oficiais, compêndios, livros didáticos e outros recursos que funcionam como um auxílio ao trabalho do docente em suas práticas educacionais. Com a inserção da internet no ambiente escolar, foi necessário que algumas práticas fossem modificadas e permitissem uma inovação no quesito metodológico das aulas de português.

Os gêneros textuais, produtos das práticas de linguagem, muitos já amplamente conhecidos pelos docentes, também sofreram alterações ao longo do tempo, modificando suas formatações e até mesmo os ambientes em que estão inseridos. Os gêneros digitais surgiram e a eclosão deste acontecimento culminou em uma aproximação de diversos indivíduos a essa nova era de gêneros produzidos e compartilhados em esferas virtuais. A facilidade do uso e o amplo acesso foram alguns dos motivos pelos quais os jovens mais se interessaram pelos gêneros digitais. Embora essa aproximação parecesse saudável e mais descomplicada, seu uso, bem como seu conhecimento em sala de aula ainda não é tão presente, e isso se deve ao fato de muitos professores não conseguirem sair das zonas de conforto que a tradição escolar proporciona.

Diante deste cenário, a necessidade de inovar os conceitos metodológicos e o arcabouço teórico que vai além do livro didático se tornou essencial na nova década. Os documentos oficiais também auxiliaram neste processo, trazendo os novos gêneros digitais e sendo um guia de ações em que o professor deve se pautar na elaboração de seu planejamento. Nesse sentido, damos destaque à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de Língua Portuguesa, que orienta o trabalho com diversos gêneros que circulam no universo virtual.

Os alunos também fazem parte deste processo, uma vez que suas necessidades também devem ser atendidas. Frequentemente nos deparamos com pessoas mais velhas alegando que os jovens “de hoje” não têm o hábito de leitura. A realidade é que os hábitos de leitura mudaram com as décadas. Se antes tínhamos como hábito a leitura integral de um jornal, por exemplo, hoje temos a leitura por celulares, com a possibilidade de acesso via internet a uma ampla série de páginas de notícias e informações.

As aulas de português que ainda se encontram no cenário defasado de exaustivas repetições das regras gramaticais, e sem apresentar inovação nas metodologias didáticas, são consideradas pelos estudantes como desgastantes. Tendo em vista que existem docentes dispostos a mudar essa realidade que afasta as aulas de língua portuguesa da simpatia dos alunos, os gêneros digitais podem ser um meio de despertar o interesse dos jovens.

Neste sentido, a presente pesquisa se dispõe a contribuir com este debate, buscando compreender como o uso dos gêneros digitais, especificamente o gênero Fanfic pode auxiliar nas aulas de escrita, leitura, gramática e literatura de língua portuguesa. Assim, partimos dos questionamentos: professores e alunos conhecem o gênero fanfic? Os professores estariam dispostos a pensar práticas de ensino em torno desse gênero? De que forma a fanfic pode contribuir para o ensino de leitura, escrita e gramática?

Consideramos como hipóteses: sim, professores e alunos conhecem o gênero, embora acreditemos que os alunos conhecem em sua maioria e os professores, em sua minoria. Também acreditamos que os professores atualmente podem estar mais propensos a utilizar metodologias que vão ao encontro das práticas digitais, e também que os alunos julgam necessário a utilização de gêneros mais atuais em sala de aula a fim de despertar o interesse pelas aulas de português.

Dentro dessa proposta, temos como objetivo geral: compreender como o gênero fanfic pode contribuir para aulas de Língua Portuguesa no ensino médio; e como objetivos específicos, almejamos discutir sobre ensino, gêneros digitais e letramento digital; pesquisar quais gêneros são os mais lidos pelos alunos; e compreender como os professores entendem a contribuição do gênero fanfic para o ensino de leitura, escrita e gramática.

Esta pesquisa tem abordagem qualiquantitativa, é de natureza básica e utilizou como procedimentos, a pesquisa bibliográfica. Para levantamento dos dados, utilizamos a aplicação de questionários com perguntas objetivas e subjetivas, durante o período XXXXXXXX. Nossa bibliografia básica contou com obras, como as de: Antunes (2009), Marcuschi (2008), Ferrarezi Jr. e Carvalho (2017), Bakhtin (1991), Lopes-Rossi (2011), Rojo (2002), Soares (1999), Kleiman (2005) e Coscarelli (2017), além dos documentos orientadores de Língua Portuguesa: PCN (2002) e BNCC (2017).

Para melhor compreensão do estudo, o trabalho foi dividido em cinco partes: além da introdução, temos a fundamentação teórica, que se subdivide em três seções, a primeira, um capítulo direcionado a reflexões sobre o ensino de escrita, a segunda seção, um capítulo que discute os gêneros textuais e o gênero fanfic, e a terceira seção, uma reflexão sobre letramentos e a importância do letramento digital. Após a fundamentação teórica, temos um breve capítulo sobre as discussões metodológicas da pesquisa, um quarto capítulo com a análise dos dados e o encerramento, com as considerações finais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O ENSINO DE ESCRITA NAS AULAS DE PORTUGUÊS

No século XVI, com a chegada da Companhia de Jesus às terras brasileiras, o ensino de língua portuguesa exigia que a gramática padrão deveria ser adotada com princípios rígidos, mecanizados e sem fatores que a interligassem com qualquer tipo de variação ou sob a ótica de comunicação social. Essa concepção havia sido estabelecida aos estudantes dos jesuítas e, dentro dessa perspectiva, o conceito de gramática era totalmente gerido por um padrão de regras.

Tal conceito continuou resistindo nos anos anteriores ao século XIX. A gramática passava por um processo que não permitia interligar língua escrita à língua falada, gerando uma mecanização dos valores e práticas de escrita e levando o aluno a conhecer uma parcela muito privilegiada – e talvez limitada - de clássicos e material projetado para tal ensino.

Somente no século XIX, com a chegada de novos estudos e pensadores que defendiam conceitos diferenciados do padrão antigo, como a Sociolinguística, pensada por Labov (1963) em meados dos anos 1960, o ensino de gramática aos poucos foi se modificando, criando uma abertura para novos elementos e pensamentos sobre como os professores poderiam ensiná-la. Uma das mudanças mais importantes foi de longe a percepção de que existem variantes na língua, tanto falada quanto escrita. Percebendo esta variação, puderam observar que a gramática não poderia ser somente um conjunto de regras a seguir, e sim, estaria associada a um conjunto de práticas, letramentos e sociabilidade de um indivíduo ao local a qual ele pertence, sua escolaridade, profissão, entre outros.

Sendo os indivíduos naturalmente sociáveis, é recorrente que usem variações para os diversos tipos de situação, por exemplo, em uma visita à igreja, na roda de amigos, conversas no ambiente de trabalho. Todos esses locais exigem posturas diferentes, impulsionando, então, variação na língua falada ou escrita.

Com a mudança dos padrões do ensino de gramática no século XX e com a inserção de materiais que dialogam com questões sociolinguísticas como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 2000), muitos docentes puderam atualizar seu arcabouço didático. Dessa forma, procuraram em seus planejamentos, formas para que o aluno pudesse se interessar mais pelo ensino de português, visto que, por muito tempo, ele foi dado de uma maneira mais

artificial e tradicionalista, que claramente não se encaixa à época atual. Sobre os métodos tradicionais de ensino de língua portuguesa, trazem os PCN:

As características de nossa tradição escolar diferem muito do que seria necessário para a nova escola. De um lado, essa tradição compartimenta disciplinas em ementas estanques, em atividades padronizadas, não referidas a contextos reais. De outro lado, ela impõe ao conjunto dos alunos uma atitude de passividade, tanto em função dos métodos adotados quanto da configuração física dos espaços e das condições de aprendizado (BRASIL, 2000, p. 9).

Com base nisto, existem alguns procedimentos que os docentes podem realizar em suas turmas, para lhes aproximar da Língua Portuguesa, deixando de lado o estigma de disciplina exclusiva ao ensino de gramática e regras estruturais. Assegurando tal afirmação, Antunes (2009, p. 216) explica:

Que cheguemos, já, a um ensino de línguas que, em cada momento estimule a compreensão, a fluência, o intercâmbio, a atuação verbal como forma de participação nossa na construção de um mundo, inclusive linguisticamente, mais solidário e mais libertador. Ou seja, privilegiemos o ensino de escrita socialmente relevante, não excludente, encorajadora, centrada a tudo que dá sentido à grandiosa aventura da vida humana.

É importante destacar que essas mudanças ocorreram motivadas pelos avanços de diversos estudos, como os da Sociolinguística, da Linguística Aplicada, da Linguística Textual, dentre outras áreas, estudos esses que ecoam em documentos oficiais, como os PCN e a BNCC, por exemplo. Essas perspectivas aproximam o falante de sua língua e das variações dessa língua. É relevante lembrar que, no caso do ensino de língua portuguesa, o aluno vai à escola aprender sobre uma língua que ele já utiliza no dia a dia, sendo assim, hábil no quesito de aprender qualquer coisa provinda dela, pois, como afirma Marcuschi (2008, p. 56) “Se alguém é falante de uma língua, ele domina as regras dessa língua”.

Outra questão a se pontuar no ensino de Língua Portuguesa que dialoga com os propósitos de nosso estudo é a influência da língua falada sobre a língua escrita, e o estudo das variações linguísticas. Essas questões devem ser discutidas e problematizadas, uma vez que as marcas da oralidade podem aparecer na escrita de textos. Em alguns textos, de base mais informal, mesmo escritos, essas marcas são possíveis e aceitáveis; em outras situações, essas marcas precisam ser observadas e adequadas ao que exige o texto, considerando que cada gênero textual apresenta suas particularidades. Por exemplo, no gênero *Fanfic*, ao qual iremos aprofundar nos próximos capítulos, as marcas de oralidade estão presentes e são comuns, sendo

um gênero que permite que isso aconteça, algo bastante diferente de outros gêneros que podem exigir uma escrita formal, com bastante cuidado gramatical e estrutural.

É necessário pensar também que o texto se dá por um processo sócio-interativo. As marcas de oralidade que os alunos trazem em seus textos, como dissemos, não são problemáticas em todas as circunstâncias, pois, a depender das práticas discursivas, exigem-se textos com maior ou menor nível de formalidade. Uma vez que a língua se dá por um processo sociocomunicativo, e que este processo é levado aos textos, é preciso considerar os indivíduos, suas especificidades sociais e suas intenções comunicativas. Por exemplo, um servente de obras não dialoga da mesma forma que um juiz, mas ambos possuem a capacidade de escrever textos, e passar uma atividade enunciativa com um objetivo específico. Marcuschi (2008, p. 90) afirma que não importa o quanto de problemas ortográficos ou sintáticos tenha um texto, ele produzirá os efeitos desejados se estiver em uma cultura e circular entre sujeitos que dominam a língua em que ele foi escrito.

Nas escolas, como mencionado anteriormente, o sistema foi modificando-se até chegar no ponto atual sobre o conhecimento do que é um texto, e o que faz parte das características de um texto desde a sua formação cognitiva. Em se tratando da produção de texto, Antunes (2009, p. 208) discorre sobre as constatações da língua escrita e a língua falada, afirmando que dentro das semelhanças existentes entre as modalidades oral e escrita da língua, uma, sem dúvida, reside na constatação de que os textos escritos também admitem variações, de modo que, a rigor, não existe uma escrita uniforme, inteiramente padronizada e submissa a uma única forma. Isto implica dizer que a língua passou por transformações e que uma forma de escrever não é de fato atemporal, pois ela vai se modificando através do tempo.

No processo de produção textual, oral ou escrita, são necessários vários elementos, linguísticos e paralinguísticos, sendo assim, um *multissistema*, como afirma Marcuschi (2008). Esses elementos, que se conectam no texto e são utilizados na obtenção de um propósito comunicativo, se relacionam, entre muitos outros aspectos, à coesão e à coerência, ou seja, à construção da textualidade e a recursos linguísticos e multissemióticos variados.

A compreensão de que este *multissistema* existe e é fundamental para construção de um texto é essencial para o desenvolvimento da produção. No Brasil, as aulas de produção de texto são em sua maioria dadas para a apresentação da redação dissertativo-argumentativa, principalmente no ensino médio. Apresentam-se o conceito de redação, suas características e elementos essenciais para a produção, e assim, mecanicamente, esse texto vai sendo elaborado por jovens e adultos estudantes, com o propósito principal desses alunos serem bem-sucedidos em vestibulares e processos seletivos.

Tagliani (2011) afirma em seu artigo “O Livro Didático como Instrumento Mediador no Processo de Ensino-Aprendizagem de Língua Portuguesa: a produção de textos”, que o livro didático é o único instrumento de leitura utilizado pelos alunos tanto em sala de aula como no ambiente doméstico e que no ambiente escolar este não é explorado quanto à sua variação de gêneros. De fato, tal afirmação traz verdades sobre as produções textuais nas escolas brasileiras.

O ensino de gramática, bem como o ensino de produção textual e leitura no Brasil, é contornado pelo estigma de aulas exaustivas, regras, fichamentos, reescrita de textos pré-dispostos no livro didático, levando a crer que o ambiente escolar não acrescenta – ou acrescenta o mínimo – ao conhecimento prévio do aluno e seu interesse por leituras diferenciadas, dinâmicas e produções mais interativas, sem correções padronizadas de redações semanais.

A centralidade do ensino de produção textual, muitas vezes, ainda é o conhecimento das regras gramaticais. A escrita, nesse aspecto, torna-se um exercício de construção textual voltado para que seja compreendida a estrutura linguística, por isso, o único leitor do texto do aluno é o professor/corretor. Nesse ambiente, a escrita não é um processo, mas um produto. O professor é o detentor do conhecimento, o revisor do texto. Também nesse aspecto, é excluído o ensino de variação linguística e o aprendizado dos propósitos das interações sociocomunicativas.

Todos esses fatores levantados, nos conduzem a alguns questionamentos: Quais os objetivos de ensino traçados por professores de Língua Portuguesa? Os professores de Língua Portuguesa cumprem um planejamento anual de acordo com as necessidades básicas que os documentos oficiais articulam? Sabemos que estudos e pesquisadores nas últimas décadas revelam a importância de um ensino sociointeracionista em sala de aula, em que os alunos devem ser vistos como participantes ativos, e não produtores passivos de textos. Mas, já vemos essa realidade nas salas de aula de português?

Sobre isso, há muitas indicações e direcionamentos sobre como pode ser desenvolvido o ensino de português na escola. Antunes (2009, p. 213) discorre sobre o assunto, afirmando que o ensino de língua deveria privilegiar a produção, a leitura e a análise dos diferentes gêneros, de cuja circulação social, somos agentes e testemunhas. A autora ainda complementa afirmando que a escolha de tais gêneros pode ocorrer conforme cada estágio da escolaridade e daquilo que de fato é usado no cotidiano de nossas transações sociais. É certo que, não existem gêneros mais ou menos importantes, entretanto, alguns gêneros são automaticamente suprimidos em relação a um ensino engessado às recomendações dos livros didáticos.

Antunes (2009, p. 213) também indaga sobre as dificuldades as quais os alunos passam nas produções de seus textos, que estão diretamente relacionadas à didática do professor e aos

conceitos que o professor segue em sua exposição. Além disso, Antunes (2009, p. 214) destaca como ponto importante no ensino da escrita, a inspiração que os alunos apresentam ao escrever. A autora afirma que as motivações para escrever na escola deveriam inspirar-se nas motivações que temos para escrever fora dela. Ainda complementa dizendo que, utilizar um único gênero como proposta de produção de texto pode se tornar problemático pelo fato de que seria uma forma engessada de se aprender sobre como produzir um texto, impossibilitando alternativas diversas e até mais interessantes para os alunos.

Tendo isto em mente, alguns gêneros podem se destacar no papel de trazer motivação e interesse pelo exercício de escrever. O gênero da escrita criativa traz à tona questões pessoais, inclusive gostos, aguçando a criatividade de jovens e adultos, cada vez mais envolvidos neste tipo de projeto.

De acordo com Ribeiro (2013, p.6), “escrever não é apenas usar com habilidade as possibilidades verbais. Ao escrever, o aluno procura seu autoconhecimento, descobrindo que escrever é transbordar. É sair de si. É dominar letras e não regras.” Isto vai de acordo às novas práticas de ensino que vislumbram o aluno como produtor, leitor e revisor de sua escrita.

Sendo assim, o professor passa a ser um mediador, e não o centro de ação, com um aluno que possui plena capacidade de escrever sobre o que gosta e que coloca em pauta a sua criatividade de criar, recriar e analisar a sua produção. Levando isto em consideração, as escolas e professores poderiam incentivar este tipo de atividade.

Um programa de escrita criativa, devidamente estruturado, faseado e hierarquizado, que conduza os alunos a propostas e a desafios de escrita de complexidade sempre crescente, constitui não só um poderoso instrumento de desenvolvimento linguístico, como também um poderoso instrumento de desenvolvimento pessoal (LEITÃO, 2008 p. 30).

Ferrazeri Júnior e Carvalho (2017) comentam que, na atividade da escrita, é necessário que o aluno se ponha no papel de autor de suas histórias, sem barreiras nem estigmas causados por um sistema de ensino tradicional que pouco se interessa pelo desenvolvimento da autonomia desse aluno. Os autores ainda defendem a ampliação dos horizontes impostos nas escolas para os alunos, permitindo assim que estes tenham acesso irrestrito ao uso da imaginação, muito além do que se estivessem fora da escola, afirmando que se não for assim, a escola não cumprirá seu objetivo de ampliar horizontes e mostrar que existe um outro mundo possível, melhor e mais interessante que o mundo do próprio aluno, muitas vezes, marcado por pobreza, carência e ausência.

[...] nossa experiência tem mostrado que o que mais se faz na escola é tolher a liberdade criativa dos alunos [...] Raramente o texto produzido pelos alunos será lido. Se o for, será para assinalar *todos os “erros”*, principalmente ortográficos, cometidos pelo aluno. [...] Perde-se uma excelente oportunidade para fazer um diagnóstico das habilidades de escrita que os alunos dominam e as que ainda precisam desenvolver. Perde-se a oportunidade de transformar esse momento numa verdadeira “seleção” de talentos para a escrita (FERRAREZI JÚNIOR; CARVALHO, 2015, p. 65-66, grifo do autor).

A utilização do ambiente virtual, bem como as práticas recorrentes no cenário pandêmico ao qual se encontra os dias atuais, levam a crer que o uso da escrita criativa está se tornando cada vez mais necessário. Essa escrita realizada em ambientes cada vez mais dinâmicos e interativos exigem um maior nível de autonomia do aluno, o que acreditamos, compete para sua inserção em sala de aula.

Isto não significa que gêneros menos utilizados pelos jovens, como carta, contrato, dentre outros, não sejam importantes. Ao citar que a escola deveria utilizar de vários gêneros para implementar o desenvolvimento da escrita do aluno, Antunes (2009) não exclui qualquer tipo de gênero, apenas, afirma que é imprescindível que o professor saiba escolher quais tipos de gênero utilizar, e se possível que tenha um arcabouço diverso.

Podemos dizer ainda, defendendo a tese de inserção de gêneros mais atuais e dinâmicos no contexto de ensino de português, que determinados gêneros mais modernos e interativos podem conduzir o aluno a um conhecimento mais amplo de sua língua, levando-o a conhecer melhor o sistema linguístico e, também, a respeitar às variações desse sistema, assim como, a portar-se com autossuficiência autoral, pois, ao escolher seus caminhos como escritor, esse aluno também desenvolve-se como um cidadão integrado às práticas discursivas de sua comunidade.

2.2 GÊNEROS TEXTUAIS

Os gêneros textuais são amplamente discutidos entre estudiosos da linguística, entretanto, foram os estudos de Mikhail Bakhtin (1895-1975) sobre os gêneros do discurso que serviram como base para o desenvolvimento do conceito do que hoje conhecemos como gêneros textuais. Quando defendeu que todas as tarefas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas à utilização da língua, Bakhtin (1997, p.279) nos trouxe a visão de que os gêneros textuais estão intrinsecamente relacionados à sociedade e à utilização da língua como meio de comunicação.

Bakhtin (1997, p. 279) afirma que “a riqueza e a variedade dos gêneros do discurso – e aqui ele os trata como gênero do discurso e não como gêneros textuais, por estar relacionado à performance da comunicação social – são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso”. Com essa afirmação, podemos perceber que não é possível limitar, nem sequer determinar quantos gêneros são existentes no mundo e como Marcuschi (2002) explica, sendo os gêneros fenômenos sócio-históricos e culturalmente sensíveis, não há como fazer uma lista fechada de todos os gêneros, pois como o autor explica, existem estudos feitos por linguistas alemães que chegavam a nomear mais de 4000 gêneros. Sendo assim, entendemos que os gêneros não são computáveis.

Para esclarecer este fenômeno, Bakhtin (1997, p. 281) explica que ocorre uma transmutação dos gêneros e consequente assimilação de um gênero por outro, gerando, assim, novos gêneros. Vemos um exemplo disso com a carta que, com a evolução dos atos sociocomunicativos e com a inserção da internet na sociedade, reformulou-se no formato de e-mail. O e-mail carrega o mesmo propósito da carta, ou seja, pode ter caráter pessoal, profissional, pode ter uma linguagem simples ou mais formal, a diferença entre um e outro é a época em que cada um surgiu. A carta como item sólido que levava dias ou meses para chegar em seu destino, transportada por agências e empresas, e o e-mail como ferramenta líquida que somente com o acesso à internet e alguns cliques chega em seu destinatário em pouco menos de um minuto.

É importante ressaltar que nenhum gênero é melhor do que o outro, entretanto, os avanços que a comunicação humana dispõe e a entrada de novas tecnologias através do tempo levam a crer que novos gêneros também são necessários para a continuidade desta interlocução. Marcuschi (2002, p. 2) confirma dizendo que “não são propriamente as tecnologias *per se* que originam os gêneros e sim a intensidade dos usos dessas tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias”.

Nessa perspectiva, é importante lembrar que os novos gêneros nem sempre são inovadores em sua totalidade, como vimos o exemplo da carta e do e-mail, que desempenham papel semelhante, mas sua produção é diferente. No entanto, isso não impede que gêneros inovadores existam como é o caso da videoconferência, um novo meio de se comunicar e que foi difundida amplamente durante o período pandêmico que levou muitas pessoas a trabalharem no formato *home office* em suas próprias casas.

Os gêneros textuais carregam em si propriedades formais, funcionais, linguísticas e estruturais que, embora nem sempre os caracterizem plenamente, como explica Marcuschi (2002, p. 2), podem assemelhá-los ou diferenciá-los de outros gêneros:

[...] É bom salientar que embora os gêneros textuais não se caracterizem nem se definam por aspectos formais, sejam eles estruturais ou linguísticos, e sim por aspectos sócio-comunicativos e funcionais, isso não quer dizer que estejamos desprezando a forma. Pois é evidente, como se verá, que em muitos casos são as formas que determinam o gênero e, em outros tantos serão as funções.

Voltando à diversidade dos gêneros, Bakhtin (1997) afirma que estes são dotados de uma multiplicidade funcional. Ele os distingue em dois: o gênero do discurso primário (simples), e o gênero secundário do discurso (complexo). O gênero primário seria o que está para o diálogo simples e real, exemplo, duas pessoas em um bar, já o gênero secundário está para as relações culturais, mais complexas e relativamente evoluídas (BAKHTIN, 1997, p. 281).

Continuando, o autor explica que o gênero primário se torna um componente do gênero secundário e que ao realizar esta interferência perde sua relação com a realidade. Por exemplo, em um romance, gênero secundário, são utilizadas réplicas de diálogo do cotidiano, gênero primário, porém, este não está mais para a realidade cotidiana, pois está inserido na obra literária. A relação entre gêneros primários e secundários é complexa, mas relevante para entendermos como os gêneros se correlacionam.

No contexto escolar, vemos os gêneros na perspectiva dos PCN, quando estes sugerem que o trabalho com leitura e escrita deve ser feito com base nos gêneros, sejam eles orais ou escritos (MARCUSCHI, 2002). O trabalho com os gêneros textuais sugerido pelos documentos oficiais nos leva a crer que o ensino de língua enfatiza o aspecto comunicativo humano, tornando o ensino de gêneros uma estratégia para o aprendizado. Sobre isso, ao discutir sobre as habilidades necessárias de serem desenvolvidas na formação educacional básica, a BNCC destaca que é preciso:

Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo (BRASIL, 2017, p. 490).

Discutindo sobre o papel dos professores no desenvolvimento das habilidades acima elencadas, Lopes-Rossi (2011, p.71) comenta que:

Cabe ao professor, portanto, criar condições para que os alunos possam apropriar-se de características discursivas e linguísticas de gêneros diversos, em situações de comunicação real. Isso pode ser feito com muita eficiência por meio de projetos pedagógicos que visem o conhecimento, à leitura, à discussão sobre o uso e as funções sociais dos gêneros escolhidos e, quando pertinente, a sua produção escrita e circulação social.

Levando em consideração tal citação, conseguimos compreender que os gêneros textuais não estão somente para o plano linguístico, mas para o social, sobretudo, para a comunicação humana nos mais diversos locais em que é produzida essa comunicação. A autora ainda cita alguns gêneros que possibilitariam tal aprendizagem, como: rótulos de produto, bulas de remédio, contrato, nota fiscal etc. (LOPES-ROSSI, 2011, p. 71). O interesse neste caso não é somente no aprendizado escolar, mas no aprendizado que a escola produz evidenciando aquilo que está exterior a ela, ou seja, o papel do professor ao escolher gêneros textuais, destacando seus aspectos sociocomunicativos, é o de fazer com o que os alunos entendam que o aprendizado não fica apenas na escola, mas vai da escola para a sua vida cotidiana.

Por isso, os documentos oficiais interligam o ensino dos gêneros ao caráter comunicativo, pois é praticamente impossível não fazer uma correlação desses conceitos, a não ser que ele seja dado de forma avulsa e com o propósito direcionado apenas à aprendizagem de aspectos linguísticos e estruturais e não à prática da linguagem.

Ao fazer a escolha de trabalhar com gêneros textuais evidenciando seus usos, nos distanciamos das práticas padronizadas do ensino de gramática, como afirma Antunes (2009, p. 57). Assim, poderia ter fim, portanto, o monopólio da gramática e da velha prática de fazer do texto, apenas, o espaço para encontrar as classes de palavras que os alunos precisam aprender a reconhecer e a classificar. Além disso, os próprios alunos ganhariam outra visão sobre a gramática, que passaria a ser compreendida quanto a sua funcionalidade e não somente a sua aprendizagem obrigatória.

Lopes-Rossi (2011, p. 72), nesse sentido, afirma que a leitura de gêneros discursivos na escola nem sempre pressupõe a produção escrita, embora seja extremamente importante. A leitura neste caso é fundamental para que seja compreendida a forma do gênero trabalhado, suas características e como ele funciona na prática. Por esse motivo, a leitura é o primeiro passo para um procedimento didático com base no ensino dos gêneros textuais.

É comum que algumas propostas existentes para o ensino de gêneros exijam que haja um procedimento realizado por etapas, isso é importante para que nem o professor e nem o aluno se percam nesse caminho. Uma das propostas que Lopes-Rossi (2011) sugere é o desenvolvimento de projetos pedagógicos. Sabemos a importância que um projeto pedagógico carrega em sua estrutura. Além de tornar o trabalho consideravelmente organizado, traz ao professor uma autonomia didática e pode ser, inclusive, utilizado por escolas com poucos recursos financeiros, basta que o professor mobilize alguns materiais para sua realização (LOPES-ROSSI, 2011, p. 81).

Um exemplo a ser seguido de procedimento pedagógico simples, que Lopes-Rossi (2011) sugere é o trabalho de leitura, produção escrita e divulgação ao público de gêneros diversos. O resultado desses projetos pedagógicos, conforme a autora, seriam livros de poesias, críticas de filmes, cartazes de divulgação de eventos, livros de contos, notícias de jornais, ou quaisquer outros gêneros que o professor queira trabalhar.

As etapas do projeto contariam, inicialmente, com a leitura de textos diversos e posterior discussão sobre eles, com o intuito de que suas características linguísticas, temáticas e composicionais fossem conhecidas pelos alunos; em sequência, viriam as atividades de escrita, que contariam com planejamento prévio, obtenção de informações, produção de primeira versão, revisão, produção de segunda versão, outra revisão e produção final; por fim, a conclusão do projeto contaria com exposição e circulação das produções criadas (LOPES-ROSSI, 2011).

Levando em consideração propostas como essa, o professor é capaz de ensinar quaisquer gêneros se ele tiver em mente que este também está relacionado ao seu uso. A partir de procedimentos didáticos como o apresentado por Lopes-Rossi (2011), Antunes (2002, p. 67) explica que os professores acabam por decidir “ensinar a língua com base no texto”, “ensinar a língua a partir do texto”, “ensinar a língua através do texto”. Ou seja, a partir dessas propostas didáticas, a ideia de trabalhar o texto sai das teorias de ensino e dos documentos oficiais e se materializa em práticas reais de ensino (ANTUNES, 2002, p. 68).

A BNCC (2017), discutindo o ensino de língua, traz algumas habilidades relacionadas ao trabalho com os gêneros. Na citação a seguir, é possível observar a indicação de trabalho com gêneros já conhecidos e com gêneros mais atuais e ligados à comunicação realizada nos ambientes virtuais. Segundo o documento, é importante que o aluno desenvolva em suas práticas de linguagem, a habilidade de:

(EM13LP45) Analisar, discutir, produzir e socializar, tendo em vista temas e acontecimentos de interesse local ou global, notícias, fotodenúncias, fotorreportagens, reportagens multimidiáticas, documentários, infográficos, podcasts noticiosos, artigos de opinião, críticas da mídia, vlogs de opinião, textos de apresentação e apreciação de produções culturais (resenhas, ensaios etc.) e outros gêneros próprios das formas de expressão das culturas juvenis (vlogs e podcasts culturais, gameplay etc.), em várias mídias, vivenciando de forma significativa o papel de repórter, analista, crítico, editorialista ou articulista, leitor, vlogueiro e booktuber, entre outros (BRASIL, 2017, p. 507).

Apesar de ser descrito de forma sucinta, esta habilidade relacionada ao campo jornalístico midiático presente na BNCC sugere que o professor trabalhe com tais gêneros de forma a fazer com que o aluno reflita sobre acontecimentos de interesse local ou global, se pondo assim em um papel de jornalista. Esta prática, além de ir ao encontro dos pressupostos interacionistas também ajuda o professor a ensinar os gêneros de forma dinâmica.

Não é novidade que alguns gêneros textuais são mais estudados do que outros, sobretudo, a partir da sua relevância para a sociedade. Algumas dificuldades são apresentadas quando se fala sobre o ensino de alguns gêneros textuais. Gêneros literários ou empresariais, por exemplo, conforme Lopes-Rossi (2011, p. 79), “já foram bastante estudados”. No entanto, de acordo com a autora, muitos outros carecem de uma análise que os considere sob aspectos linguísticos, textuais, gráficos e discursivos, de uma forma que possibilite o trabalho do professor com os alunos.

Outra dificuldade encontrada no trabalho com os gêneros textuais é a de que os livros didáticos, muitas vezes, não dão conta de abranger a variedade de gêneros disponíveis (nem poderiam) e acabam por selecionar gêneros com mais representatividade, acarretando uma seleção sucinta de algo que pode ser diversificado. Neste sentido, o professor também deve mobilizar estratégias para ampliação desse repertório. O uso do livro didático, apesar de ser necessário, não é o único meio disponível para realização de um procedimento didático.

O professor que se atualiza, que sente a necessidade de expor assuntos além dos que são apresentados nos livros didáticos, é consciente de que o papel da aprendizagem está além de uma seleção feita por estudiosos. Não estamos afirmando aqui, que a seleção não é importante e que não traz benefícios para a aprendizagem, pelo contrário, a seleção é necessária até mesmo para a organização didática, entretanto, não é a única e exclusiva forma de ensinar ao aluno.

O sucesso de projetos pedagógicos que visem o trabalho de leitura e escrita a partir dos gêneros textuais não vem apenas do material disponível, pois, assim como Lopes-Rossi (2011) comenta, este sucesso depende crucialmente de uma mudança de concepção de ensino de leitura

e produção escrita que requer, entre outras condições, um professor que atue como mediador, orientador e parceiro dos alunos em sua produção.

A criatividade e a imaginação dos alunos têm que ser exercitadas, portanto, a atividade de fazer com que eles atuem como escritores, produzindo gêneros e pensando em seu uso real é, de certa forma, uma das melhores formas de envolvê-los em atividades dinâmicas de aprendizado da linguagem. Nesse sentido, o professor tem o papel de mediador desse processo criativo, ajudando o aluno a compreender quais os elementos e estratégias discursivas necessários à constituição daquele dado gênero trabalhado.

Marcuschi (2002) comenta que se pode dizer que o trabalho com gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia a dia, pois nada do que fizermos linguisticamente estará fora de ser feito em algum gênero. Tal citação nos leva a crer que mais do que tudo, o ensino de gênero não pode ser feito limitado a questões estruturais, pois muitos outros elementos são essenciais.

Tudo isso vai ao encontro do que preconizam os documentos oficiais, que norteiam o ensino do professor em seus mais diversos aspectos, enfatizando sempre que o trabalho com a linguagem deve ser contextualizado e vinculado aos aspectos sociais e culturais que cercam a vida dos alunos que, independentemente de onde veem, estão cercados pelas mais diferentes formas de comunicação.

2.2.1 O gênero *fanfic*

A internet revolucionou o mundo inteiro em vários sentidos, sejam eles comunicativos ou profissionais. O indivíduo que está inserido nesta sociedade e faz uso dos diversos recursos virtuais disponibilizados é automaticamente letrado digitalmente, utilizando-se da internet em seu dia a dia, para fins pessoais ou profissionais. O uso da internet na vida das pessoas implicou mudanças de hábitos e comportamentos. Por exemplo, o ato de ler em jornais foi sendo substituído pela leitura de tabloides virtuais, enquanto a carta foi também substituída por ferramentas e aplicativos de comunicação com velocidade e desempenho melhores.

De fato, a vida pós internet facilitou a comunicação, a leitura e a escrita. Gêneros digitais surgem e com eles uma ampla variedade de informações que rapidamente disseminam-se pelas redes e alcançam uma grande quantidade de usuários. Assim também ocorreu com o gênero *Fanfic*, que surgiu na internet com o pressuposto de fazer com que indivíduos de qualquer idade possam criar suas próprias histórias.

Fanfic, do originário inglês *Fanfiction*, sendo traduzido passa a ser “Ficção de fã”. Este gênero, apesar de surgido dentro da internet, tem seus primórdios desde muito antes, e seus aspectos podem ser observados até mesmo na literatura grega. Em uma cultura em que podemos apreciar entretenimentos como filmes, séries, apresentação de bandas, o público jovem está adequadamente inserido no mundo das *Fanfics*. As *fanfics*, dessa forma, são recriações de obras de ficção já existentes. Uma espécie de apropriação de uma obra por um fã ou grupos de fãs que, ao se envolverem intimamente com aquela obra, ultrapassam o limite de leitores e se tornam escritores, utilizando o contexto, os personagens, o enredo e criando uma obra paralela com seus pontos de vista e direção. Existem diversos tipos de *fanfic*, por exemplo, *fanfics* originais que estão disponíveis na plataforma Anime Spirit, que tem como objetivo hospedar *fanfics* dos diversos gêneros.

Clemente (2013, p. 62), redigindo um esboço sobre as características das *fanfics*, afirma que o gênero:

[...] constitui-se não somente pelo fã, mas por elementos como plataformas (sites, blogs, rede social, fanpages) em que obras artísticas de múltiplas vertentes são dispostas em categorias, desse modo, os leitores/usuários/*fanfics* mantêm as regras para ser “*fanfiqueiro*” e escrevem as *fanfic* ou apenas *fic* ou são admiradores e seguidores de um escritor de *fics*. As regras são rígidas e encaradas com seriedade por todos os sujeitos sociais que compõem as comunidades ficcionais.

Na escola, podemos perceber que tal gênero não é muito evidenciado, por ser considerado um gênero fora dos padrões, utilizado na internet e de certa forma considerado por alguns como um gênero literário “informal”. Também é importante destacar que pode não ser um gênero tão conhecido do universo do professor, embora seja indicado em textos como o da BNCC, por exemplo.

Acreditamos que a *Fanfic* pode ser um gênero a desenvolver o apreço pela escrita, e pela leitura. Pensando nesse cenário, nos perguntamos: como desenvolver a escrita criativa por meio de um gênero pouco conhecido? Com isso em mente, é importante estar disposto, como professor, a conhecer gêneros do universo virtual, para que assim eles possam ser inseridos também no universo escolar, o que pensamos poder ajudar no processo criativo da escrita e no despertar o desejo de ler e escrever.

O trabalho apenas com os gêneros canônicos pode gerar certa desmotivação, já que, muitas vezes, esses gêneros estão desvinculados dos contextos sociais e culturais dos alunos.

Dessa forma, é necessário levar ao aluno gêneros que também sejam acessíveis, e que estejam direta ou indiretamente ligados aos seus interesses culturais e regionais.

O processo da escrita demanda vários fatores, e para isso o letramento literário se faz necessário. Podemos pensar que o gênero *Fanfic* pode ajudar no processo da escrita dos alunos no ensino médio, e com isso, é possível, também, apresentá-los a outros gêneros textuais diversos.

O gênero fanfic e sua escrita criativa tem ajudado a aguçar a criatividade de inúmeros leitores de obras ficcionais, despertando neles a motivação de escrever e interagir em plataformas digitais. Uma escrita que não ocorre apenas para si, mas para a leitura e interação com outros que também compartilham da mesma paixão pela obra a ser recriada ou reescrita.

Assim, é o tipo de atividade de leitura e escrita que amplia as habilidades envolvidas no letramento digital, pois as fanfics têm caráter eletrônico e uma construção ocorrida inteiramente dentro do espaço da internet. Ou seja, é mais um gênero que não necessita de uma tecnologia palpável como folhas de papel. Essa característica, conforme Tenório (apud FONTANELE, 2013), não apenas diminuiu os custos de publicação, mas tornou o acesso ao conteúdo mais fácil e, conseqüentemente, ampliou o número de leitores. Sendo assim, esse é mais um exemplo de que as plataformas digitais têm mudado as formas de ler e escrever na atualidade e isso pode e deve ser inserido na aula de português, com o fim de ampliação das habilidades leitoras e escritas e, também, como meio de interagir comunicativamente, ampliando os múltiplos letramentos.

2.3 REFLEXÕES SOBRE LETRAMENTOS E IMPORTÂNCIA DOS LETRAMENTOS DIGITAIS

O conceito de ensinar leitura e escrita a um indivíduo alfabetizado foi se adaptando com o tempo, seguindo os parâmetros de um ensino que foi se modernizando com o passar dos anos. No entanto, algumas práticas continuaram a ser negligenciadas no âmbito escolar. Segundo Rojo (2002, p.1), a escolarização, no caso da sociedade brasileira, não leva à formação de leitores e produtores de textos proficientes e eficazes e, às vezes, chega mesmo a impedir. Ler, segundo a autora, “continua sendo coisa das elites”, o que confirmamos, quando vemos que o incentivo à leitura está muito à frente na classe alta da sociedade, enquanto o ensino básico luta contra a sua precariedade.

Neste sentido, pode-se afirmar que o acesso à leitura ainda é negligenciado, tanto nas escolas quanto fora delas. Em se tratando das escolas, algumas adversidades poderiam ser evitadas, principalmente quanto ao planejamento do professor que, em alguns casos, age com omissão a novas práticas de ensino, dentre elas, a própria ideia de letramento na sala de aula.

Mas o que seria letramento? Diferente do conceito de alfabetização, o letramento sugere que ser letrado vai muito além de ser alfabetizado, estando diretamente ligado às capacidades sociais e cognitivas de uma pessoa.

Para Soares (1999, p.18), letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. Além disso, é entender que a produção da sociedade está além dos portões da escola. Podemos distinguir o letramento da alfabetização, pois enquanto a alfabetização está no campo da escola, da língua e seus elementos sintáticos, o letramento está no extralinguístico, no social e no comportamento humano.

Em se tratando da leitura, Rojo (2002, p. 3) explica como o letramento acontece nessa atividade:

A leitura, passa, primeiro, a ser enfocada não apenas como um ato de decodificação, de transposição de um código (escrito) a outro (oral), mas como um ato de cognição, de compreensão, que envolve conhecimento de mundo, conhecimento de práticas sociais e conhecimentos linguísticos muito além do fonema.

Tendo em mente tal conceito, o professor passa a entender que a teoria da decodificação, esta que era amplamente difundida como prática do ensino de leitura, agora passa a ser parte de um processo muito mais complexo, que consiste em acionar a compreensão e vários tipos de conhecimentos extralinguísticos, conhecimentos estes que estão para o cognitivo e o social.

Sobre as questões que envolvem os fatores cognitivos e sociais relacionados ao conceito de letramento, Kleiman (2005, p. 6) explica que esse surge como uma forma de explicar o impacto da escrita em todas as esferas de atividade, sobretudo, as esferas extraescolares. Entende-se, nesse aspecto, que o letramento não está totalmente para o plano escolar e que as atividades cognitivas de entender, explicar ou interpretar o que se viu escrito numa rua, num campo ou num ambiente social no geral, estão muito além do universo discente.

Fora dos muros da escola, podemos identificar cidadãos apresentando vários níveis de letramento. Podemos, inclusive, dizer que todo indivíduo participante de uma comunidade é letrado, mesmo que não seja alfabetizado, pois está inserido em práticas de letramento.

O indivíduo alfabetizado está ou já esteve matriculado em uma instituição de ensino ou teve contato com a alfabetização, ou seja, sabe o código (escrito) que utiliza para ler e para escrever. Quanto ao ser letrado, este não necessariamente precisa ser alfabetizado para participar de eventos que envolvem a leitura e a escrita, como afirma Soares (1999, p. 24):

Um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser analfabeto, mas ser, de certa forma, letrado. Assim, um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se se interessa em ouvir a leitura de jornais por um alfabetizado, se recebe cartas que outros leem para ele, se dita cartas para que um alfabetizado as escreva [...] é de certa forma, letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e escrita. [...] Da mesma forma, a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever [...] é ainda “analfabeta” porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é, de certa forma, letrada.

Desta forma, não podemos esquecer que os alunos são indivíduos letrados, pois adquirem o conhecimento de mundo fora da escola, com suas famílias, amigos, e no ambiente em que está inserido. Também é importante destacar que letramento não é um método, como explica Kleiman (2005, p. 8), ele não é “ensinado” na escola, mas é necessário que o professor entenda seu conceito e o aceite como prática, compreendendo que cada aluno carrega níveis de letramentos próprios, verificando assim que nem sempre todo acervo do aluno é adquirido na escola, pois outros elementos o ajudam nesse processo de imersão na leitura e na escrita.

Diante das inúmeras mudanças que o ensino brasileiro teve em sua trajetória, o momento atual parece o mais inclinado a novas concepções no que se refere à aprendizagem, por se tratar de um tempo em que a tecnologia está mais acessível. De acordo com Soares (2004, p. 98), pode-se dizer que até os anos 1980, a alfabetização escolar no Brasil caracterizou-se por uma alternância entre métodos sintéticos e métodos analíticos, mas sempre com o mesmo pressuposto de ensinar a língua sem um viés pragmático. O método sintético está para o plano fônico e da silabação, enquanto o analítico está para a sentença, e a palavração como um todo, não apenas sua estrutura e aspectos fonéticos. Sendo assim, é correto afirmar que tendo como base um método tradicional, estar predisposto a mudar concepções tradicionalistas e abraçar novos métodos não é fácil.

O problema de modo geral em se aderir novos métodos que irão mudar a forma como vemos o tradicional está em sua construção em si. Para chegar ao sucesso no ensino-aprendizagem, dentro de uma perspectiva sociointeracionista, é importante, segundo Soares (2004, p.100), não subestimar ou ignorar alguns fatores, como: leitura, escrita, aprendizado da

fonologia da língua, por exemplo. Dito de outra forma, é importante que o processo de ensino-aprendizagem contemple diversos fatores, de forma que eles se complementem e sejam trabalhados de forma integrada, caso contrário, o aprendizado da linguagem pode não se dar de forma satisfatória.

Sobre isso, Kleiman (2005, p.11) ratifica tais afirmações de Soares e diz que, considerando essa necessidade de flexibilidade em relação ao método para ensino de leitura e escrita, a Associação Internacional de Leitura, em 1999, fez a seguinte declaração:

Não existe um método único, ou combinação única de métodos que possa ensinar a ler a todas as crianças com sucesso. Por isso, os professores devem desenvolver um profundo conhecimento de múltiplos métodos para ensinar a ler e um profundo conhecimento das crianças sob seu cuidado, para que possam criar um equilíbrio apropriado dos métodos requeridos pelas crianças a quem ensinam.

Voltando aos dias atuais, os professores de hoje podem estar mais abertos a realizar tais métodos de letramento da melhor maneira, visto que desde suas licenciaturas há um maior acesso a estudos sobre isso, e entendem que o processo da aprendizagem é dado por uma construção, esta que vai de acordo com a escolha do professor. Como vai se dar a construção deste método? Como realizar? Tais perguntas serão respondidas com base no ensino do professor e também na convivência com os alunos.

Mesmo que o conceito de letramento seja mais moderno do que o de alfabetização, é importante ressaltar que o seu sentido já existia no plano das ideias de pensadores como Paulo Freire, por exemplo, que utilizou o termo alfabetização com o sentido de letramento, considerando que esta seria uma prática sociocultural de uso da língua escrita que vai se transformando ao longo do tempo, obviamente por questões culturais (KLEIMAN, 2005, p. 19).

Sobre os índices de alfabetismo e letramento no Brasil, Coscarelli (2017, p. 156) revela que, entre 2001 e 2011, 73% da população ainda não tinha alcançado um nível considerado satisfatório de letramento. Mesmo assim, o número de pessoas que sabiam ler e escrever, sobretudo conseguiam produzir textos, mesmo que com limitações, aumentou nesse período. Estes dados não são tão antigos, entretanto, é seguro dizer que possivelmente este número aumentou ainda mais considerando também a ampla divulgação de informações até o ano atual, e diante da maior acessibilidade às ferramentas digitais, como smartphones e notebooks. Todos estes novos elementos acabam modificando a forma de agir do indivíduo, possibilitando uma

maior interação, mesmo que com limitações. Rojo e Barbosa (2015, p. 116), sobre isso, argumentam que:

De que o mundo mudou muito nas últimas décadas, ninguém há de discordar. E não somente pelo surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação (doravante, TDICs), embora com seu “luxuoso” auxílio. Surgem novas formas de ser, de se comportar, de discursar, de se relacionar, de se informar, de aprender. Novos tempos, novas tecnologias, novos textos, novas linguagens.

Sobre os múltiplos letramentos e suas relações com o cotidiano dos indivíduos, Mey (apud Moreira, 2012, p. 3) explica que:

[...] a relevância do letramento, tanto do tipo usual quanto do digital, vai muito além de se afirmar que é uma tecnologia de informação adquirida ativa e passivamente. Enfatiza, também, que é muito mais do que saber ler e escrever ou navegar na internet. Na realidade, consiste em saber utilizar esses recursos para aplicá-los no cotidiano, em benefício do próprio usuário. Precisa-se, nesse caso, indagar o porquê de se fazer uma busca na web, saber qual finalidade dessa informação para a vida a fim de promover a aquisição de um (novo) conhecimento.

Continuando tal pensamento, a autora ainda afirma que a necessidade de um indivíduo ser letrado digitalmente relaciona-se ao fato de que uma fonte digital pode gerar muitas formas de informações, como textos, imagens, sons, entre outras, e que cada vez mais as pessoas estão inseridas na sociedade digital. Dessa forma, com o avanço significativo da tecnologia, diversos grupos sociais dispõem a cada dia de novas formas de comunicação, assim, para que haja um letramento pleno, importante para o desenvolvimento intelectual e cognitivo das interpretações sociais, é também fundamental, hoje, o letramento digital (MOREIRA, 2012, p. 4).

Buscando analisar os dados apresentados pelo INAF (Indicador de Alfabetismo Funcional) sobre os números do letramento digital no Brasil, levantamento realizado entre 2001 e 2011, Coscarelli (2017, p. 159) buscou relacionar, com base nos dados da pesquisa, o uso de celulares, tablets e computadores a eixos diversos, como gênero, idade, grau de escolaridade e raça. Com relação, especificamente, ao grau de escolaridade, a autora cita que uma interpretação possível para os dados contabilizados é a de que quanto mais escolarizada seja uma pessoa, mais ela usa um computador ou celular, o que pode acarretar numa melhoria em suas habilidades de leitura e escrita (COSCARELLI, 2017, p.159).

Ao relacionar grau de escolaridade ao maior uso de computadores, não há como desvincular o fator econômico, pois quanto maior é o poder aquisitivo do grupo social, mais tempo ele tem de escolaridade e maior, então, é a exposição aos recursos digitais.

Ainda nos referindo à escola e ao letramento digital, esse tem sido cada vez mais pauta nas discussões sobre o papel da escola e do professor. Segundo Moreira (2012, p. 5), o letramento digital na educação básica não altera somente a relação do estudante com o ensino e a aprendizagem, mas também, modifica o papel do professor que, antes tendo apenas o livro didático como principal aliado na tarefa de ensino-aprendizagem, passa, agora, a ser cobrado para que diversifique seus recursos e metodologias.

Analisando o papel do professor, sobretudo sobre a sua formação quanto aos letramentos digitais, Barton e Lee (2015, p.214) afirmam:

A maioria dos professores na sociedade contemporânea não é novata em termos de tecnologia, mas teve anos de experiência com práticas digitais educacionais e informacionais. Ao tomar decisões sobre os usos pedagógicos das tecnologias cotidianas, eles podem ser reflexivos e refletir constantemente sobre suas próprias relações com as novas mídias dentro e fora do contexto da sala de aula. Isto poderá implicar uma renegociação da relação entre os conhecimentos do professor e do aluno, juntamente com a aceitação da perícia dos alunos em algumas áreas e o respeito por elas.

Segundo os autores, e diante da observação de que estamos vivenciando tempos cada vez mais tecnológicos, é de extrema importância que os professores que tiveram uma ampliada relação com as mídias digitais em suas licenciaturas, estejam dispostos a inserir em suas práticas diárias, atividades que contribuam com os múltiplos letramentos de seus alunos, tendo consciência, acima de tudo, que o aluno também é um ser letrado inserido nesta sociedade digital. Entretanto, os professores que não tiveram esse conhecimento em suas licenciaturas também podem tomar discernimento disso logo após seus anos de ensino, juntamente com a sua experiência docente e com a continuação de sua formação.

A verdade é que muitos professores sofrem pelo receio de modificar suas práticas de ensino que tanto prezam e já estão acostumados, para se aventurarem em uma perspectiva mais atual. Para isso, as autoras Coscarelli e Ribeiro (2005) defendem o uso do computador na sala de aula e nas constantes práticas escolares.

O que queremos mostrar é que o computador não vai, por si só, modificar a concepção de aprendizagem das escolas, uma vez que ele pode ser usado para lidar com diversas situações. E é aí que está uma das vantagens de se usar o computador em sala de aula. Cada momento da situação de aprendizagem requer uma estratégia diferente, e o computador pode ser útil em várias ocasiões, bastando para isso que o professor planeje atividades, mais dirigidas, ou menos, conforme o momento (COSCARELLI E RIBEIRO, 2005, p. 27).

É natural que haja resistência quanto às práticas de letramento digital em sala de aula entre professores mais conservadores, que se utilizam de métodos mais tradicionais, estes, inclusive, apresentam motivos para não utilizarem frequentemente o computador, por não estarem habituados. Mas o mesmo não deve acontecer com professores recém-formados, que já são familiarizados com a tecnologia, especialmente em seu círculo social. O letramento digital pode e deve estar inserido no planejamento destes professores, inclusive, a partir da utilização de ferramentas digitais disponíveis, como incentivam as autoras.

Moreira (2012, p.12), discutindo sobre a utilização de recursos tecnológicos no ensino, enfatiza que é importante saber utilizá-los de maneira consciente e de forma didática. Não basta trazer o computador para a sala e ministrar uma aula mais “animadinha”. A autora ressalta que o importante é transmitir o conteúdo de forma clara e sem deixar que o brilho da tecnologia apague a figura do professor. Ou seja, o desafio está no equilíbrio dos usos e das práticas e na consciência de que os alunos recebem influências digitais todo o tempo, em seus computadores e celulares, por isso, aprender, também por essas ferramentas, pode ser prazeroso e atrativo.

Barton e Lee (apud MERCHANT, *et al* 2015, p. 205) evidenciam que há uma série de estudos que destacam quais gêneros digitais surgem nas diversas plataformas, como salas de bate papo, mensagens instantâneas, videogames e fanfictions. O domínio dessas plataformas e dos gêneros que surgem delas configuram a ampliação dos letramentos digitais. Os autores ainda falam sobre as habilidades adquiridas pelos jovens diante da inserção digital:

Este corpus, que dá atenção às práticas dos jovens, chegou ao consenso de que os textos digitais são criativos, hibridizados e multimodais. [...] combinando características do mundo social contemporâneo. Em outras palavras, participar de bate-papos online é, de fato, uma forma de desenvolver capital linguístico e habilidades de mercado necessárias para participar da nova ordem social (BARTON E LEE apud MERCHANT, *et al* 2015, p. 205).

Desta forma, Barton e Lee estão entre inúmeros que defendem o letramento digital e discutem como as práticas online podem mudar o ensino e a aprendizagem de línguas. De uma maneira geral, nos textos em que nos baseamos, não há uma posição negativa quanto ao uso das mídias digitais no ensino, pelo contrário, sua ampliação é incentivada, inclusive, pelos documentos oficiais mais atualizados que orientam o ensino de língua, como a BNCC. Nela, há um claro estímulo ao trabalho com leitura, escrita e análise linguística que se baseie, também, no conhecimento e produção de gêneros digitais (BRASIL, 2017).

Diante de atividades diárias que estimulem a ampliação das capacidades de leitura e escrita por meio de gêneros digitais diversos, o letramento digital pode fluir de forma muito

agradável, aproximando o professor do aluno e vice-versa. Apresentando um exemplo de uma atividade dessa natureza, Barton e Lee (2015) descrevem um método utilizado por uma professora que, a partir da criação de um grupo de facebook, estimulava os alunos a debaterem temas, discutindo e interagindo entre eles. O resultado mostrou-se satisfatório, ao passo que, como descreveram os próprios alunos, depois de terem visto a professora adotar um estilo mais informal de escrita online, ficaram confortáveis em, também, assumirem uma voz mais informal e até mesmo brincalhona, ajudando a criar um ambiente de aprendizagem amistoso e agradável.

Tais exemplos podem ser encontrados em diversos trabalhos e relatos de professores que inserem práticas de ensino mais inovadoras e tecnológicas e devem, sim, ser utilizados amplamente a favor do ensino.

Fomos surpreendidos no ano de 2020, por uma pandemia que limitou consideravelmente o ensino e aprendizagem, levando muitos professores e alunos a se habituarem a uma nova realidade, uma realidade virtual. Pode-se afirmar que a importância do letramento digital está justamente na aproximação entre professor e aluno, mesmo longe um do outro. Uma afirmação um tanto paradoxal, mas que traz profunda reflexão. Atualmente, a realidade virtual ainda permeia o ensino brasileiro, não se sabe até quando, mas é seguro afirmar que estes foram tempos em que professores e alunos mais saíram de suas comodidades e adentraram um mundo inteiramente tecnológico.

3. METODOLOGIA

Este capítulo é destinado à explicação dos procedimentos metodológicos utilizados para a realização da pesquisa. Apresentaremos sua abordagem, sua natureza e sua classificação quanto aos objetivos propostos. Por fim, trataremos do instrumento que possibilitou a geração dos resultados obtidos, o questionário.

A presente pesquisa é de abordagem qualiquantitativa, sendo a união dos métodos qualitativo e quantitativo, o que significa dizer que se utiliza da junção dos elementos de observação qualitativos e interpreta as informações quantitativas por meio de símbolos numéricos (KNECHEL, 2014).

A sua natureza classifica-se como básica, uma vez que se caracteriza por gerar um conhecimento sem finalidade imediata. Sobre o caráter deste tipo de pesquisa, Prodanov e Freitas (2013) explicam que a pesquisa básica objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais.

Esta pesquisa objetivou levantar dados sobre o uso do gênero fanfic nas aulas de língua portuguesa, com objetivo de compreender até que ponto o ensino básico insere gêneros de natureza digital, e questionar professores e alunos sobre a atual realidade ao qual estão inseridos. Para estabelecer base científica, utilizamos os estudos do ensino de escrita nas aulas de português, gêneros textuais e *fanfics*, e reflexões sobre letramentos e importância do letramento digital, o que possibilitou aporte teórico e conceitual a fim de nos dar suporte para realização da análise dos dados.

Levando em consideração seu levantamento bibliográfico do embasamento científico e a exploração do problema a fim de apresentar uma solução para estudo, esta pesquisa classifica-se como exploratória e bibliográfica.

Com relação à bibliografia, no capítulo que discutimos sobre o ensino de Língua Portuguesa, recorremos a leitura de textos como os de Antunes (2009), Marcuschi (2008) e Ferrarezi Jr. e Carvalho (2017), além dos documentos oficiais que orientam o ensino, a exemplo dos PCN (2002) e BNCC (2017). No capítulo que discorremos sobre ensino de gêneros textuais e sobre o gênero fanfic, consultamos autores como Bakhtin (1991), Marcuschi (2002), Lopes-Rossi (2011) e Clemente (2013). Por fim, no capítulo que refletimos sobre letramentos e

letramentos digitais, lemos obras como as de Rojo (2002), Soares (1999), Kleiman (2005) e Coscarelli (2017).

Para a realização desta pesquisa, contamos com a participação de 4 professores de língua portuguesa e 12 alunos do ensino médio. Inicialmente, pensamos em realizar a pesquisa por meio de uma oficina para construção de *fanfic* com os alunos do ensino médio e entrevista com os professores via *online*. Entretanto, como o cenário pandêmico estendeu-se por muito tempo e com a dificuldade em marcar horários livres com os professores, visto que o cronograma escolar estava todo programado e os professores tinham menos encontros semanais com seus alunos, não foi possível realizar a pesquisa-ação pretendida.

No entanto, adquirimos outro meio para o levantamento de dados que foi o questionário. A plataforma *Google Forms* possibilitou enviarmos um link de acesso ao questionário e logo após o divulgamos aos professores e suas respectivas turmas para que eles respondessem. No capítulo a seguir, apresentaremos a análise e os resultados obtidos a partir do levantamento de dados dos informantes, gerados no período de 8 de maio de 2021 até 7 de junho de 2021.

Segundo Gil (1999, p. 128), o questionário pode ser visto como uma técnica “de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”. Em nosso questionário, primeiramente, elaboramos um pequeno texto de apresentação, expondo o propósito da pesquisa, bem como uma breve explicação sobre o termo *fanfic*, deixando explícito que a participação na pesquisa seria voluntária, anônima e individual.

Após o texto de apresentação, elaboramos questões que traçariam um perfil dos participantes e suas respectivas realidades e logo após apresentamos questões elaboradas em conformidade ao assunto abordado na pesquisa, que direcionavam a questionamentos considerados importantes para a obtenção dos resultados.

4. ANÁLISE DE DADOS

Sendo o objetivo desta pesquisa analisar o quanto os professores que lecionam português no ensino médio estão receptivos ao trabalho com novos gêneros, mais especificamente o gênero *fanfic*, analisando, também, o quanto é importante a inserção de novos gêneros no ensino de leitura e produção textual, foram aplicados dois questionários. O primeiro questionário foi aplicado junto a quatro professores do ensino médio, e o segundo, junto a doze alunos do ensino médio. O questionário para professores contou com 16 (dezesesseis) perguntas e para os alunos, 12 (doze perguntas). De forma a preservar a identidade dos informantes, optamos por utilizar o gênero masculino e a nos referir a eles por numeração.

As perguntas em ambos os questionários se referiram à compreensão sobre o gênero estudado, se eles conheciam o termo *fanfic* e de onde conheciam. Também perguntamos, dentre outras questões, se os professores e os alunos estavam dispostos a conhecerem e inserirem o gênero *fanfic* em sua rotina de sala de aula.

A seguir, apresentaremos os questionamentos realizados, gráficos gerados a partir das respostas e análise dos resultados. No questionário dos professores, primeiro a ser discutido neste capítulo, foram elaboradas sete perguntas de múltipla escolha, e nove perguntas abertas, subjetivas e de livre resposta.

4.1 QUESTÕES APLICADAS JUNTO AOS PROFESSORES E ANÁLISE DAS RESPOSTAS

1ª questão: Você concorda com os termos da pesquisa?

Quanto a essa questão inicial, a resposta foi unânime e positiva. Todos os professores estavam de acordo com os termos da pesquisa, então pudemos prosseguir.

2º questão: Qual a sua idade?

Essa questão foi pensada com o propósito de ter conhecimento sobre a idade dos professores e com base em suas respostas, fazer uma possível relação entre a faixa etária e a

resistência ou não ao uso de novas tecnologias, embora saibamos que se trata de uma análise relativa. Obtivemos três respostas: dois informantes têm 44 anos de idade, e um informante tem 24 anos de idade. Um dos informantes optou por não revelar a idade.

3ª questão: Qual seu nível de escolaridade?

Todos os participantes da pesquisa têm ensino superior completo. Um deles possui a licenciatura em Letras. Dois dos participantes, além da graduação em Letras, possuem especialização. Um dos participantes, além da graduação em Letras possui mestrado. Isso demonstra que o ensino superior, graduação, não foi suficiente para a maioria. Percebemos, com isso, a importância de continuação dos estudos após a experiência na graduação. Ir além, cursando uma especialização, mestrado ou doutorado, indica que o professor sentiu necessidade de aprofundar seus estudos. Acreditamos que esse desejo e essa escolha vão além da melhoria da situação financeira dos professores, mas revelam, também, a opção pela continuação dos estudos, pelo vínculo com a universidade e com a pesquisa acadêmica.

4º questão: Com relação a sua pós-graduação (se houver), especifique qual área do conhecimento de sua pós-graduação.

Esta pergunta foi direcionada para os professores que respondiam afirmativamente ao fato de possuírem pós-graduação. Como dito anteriormente, um deles não possui pós-graduação e três possuem, sendo dois deles pós-graduados na área de Linguística, e um na área de Educação. Achamos pertinente esse questionamento, uma vez que acreditamos que esse dado pode influenciar em suas respostas, ou seja, acreditamos que os professores que aprofundaram seus estudos e têm contato com novas leituras e pesquisas sobre o ensino podem estar mais abertos a novas práticas didáticas e metodológicas, embora saibamos que esse fato não é, por si só, definidor.

5º questão: Você atua como professor de língua portuguesa na rede pública ou na rede privada?

Todos os professores participantes atuam na rede pública de ensino, o que também pode se refletir em suas respostas, pois vivem situações específicas, visto que as duas redes de ensino que regem o país, a pública e privada, apresentam suas particularidades. Sabemos que, muitas

vezes, nas redes privadas, temos um cenário mais propício a novas práticas, à inserção de novos letramentos. Isso acontece porque há mais investimento em recursos didáticos e tecnológicos. Não queremos dizer com isso que nas redes públicas não possamos encontrar um esforço para que novas metodologias passem a fazer parte da vida do discente, mas sabemos que a escassez de recursos tem diversos impactos sobre o que é idealizado e realizado efetivamente na sala de aula.

O fato dos professores serem do ensino público e terem em sua maioria uma opinião ampla e que preza pela diversificação de gêneros em sua sala de aula como veremos nas próximas respostas é interessante. Levando em consideração que o ensino público brasileiro passa por dificuldades tanto em sua composição quanto na renda que é destinada a ele, sabemos que a realidade de uma escola pública é diferente da escola particular. Desta forma, estamos cientes de que as respostas descritas por estes professores levam em consideração o seu contexto escolar, assim como sua própria formação acadêmica. É possível que este contexto escolar possa impactar na escolha de trabalharem ou não novos gêneros, entretanto, veremos em breve que estes profissionais se mostraram esperançosos e abertos a aderirem novos gêneros em sala de aula.

6ª questão: Quanto tempo você atua como professor de língua portuguesa?

Esta pergunta teve o propósito de investigarmos quanto tempo o professor tem de ensino de Língua Portuguesa, visto que isso possa interferir diretamente em suas metodologias e posicionamentos. Sobre isso, os professores responderam: professor 1 (3 anos de exercício docente), professor 2 (12 anos), professor 3 (20 anos), professor 4 (24 anos).

Entendemos que esse dado possa ajudar a compreender um maior ou menor nível de comprometimento com novas práticas de ensino. Por um lado, pensamos que professores experientes, ou seja, com mais tempo de exercício docente, possam ter mais aptidão para adaptações e mudanças, por outro lado, esses mesmos professores podem já ter consolidadas práticas de ensino que não permitem transformações. Os professores menos experientes, por sua vez, podem ter menos arcabouço para lidar com novas formas de ensino-aprendizagem ou, de forma diferente, por terem os conhecimentos da graduação mais vivos em sua memória e mais energia para aplicar novos métodos, podem ser mais receptivos a diferentes experiências de ensino.

A idade dos professores, neste sentido, pode interferir em suas opiniões, devido ao fato de que professores com mais idade podem ter vivenciado muitas fases de ensino, sobretudo, o

ensino mecanizado em que dava ênfase à gramática. No entanto, com as novas práticas de ensino e letramento, estes professores, que devidamente se atualizaram, não encontrariam dificuldades em acompanhar estas práticas. Já os professores mais novos estão habituados a já encontrar estas novas práticas desde a sua formação, repetindo tais ensinamentos em sua carreira docente.

7º questão: Em sua opinião como professor(a), qual o papel do ensino dos gêneros?

Esta questão aberta levantou múltiplos posicionamentos, tais como:

Resposta 1: “Os gêneros textuais possibilitam ao aluno vivenciar novas experiências. O aluno sai dos gêneros tradicionalmente ensinados em sala e leem outros de forma crítica.”

Resposta 2: “O papel do ensino dos gêneros textuais e literários pode auxiliar o ensino e aprendizagem da língua, a escrita, a leitura e a oralidade, quando trabalhados de maneira prática e contextualizada para fazer sentido na vida do estudante.”

Resposta 3: “São elementos responsáveis pela interação e constituição do sujeito em sociedade possibilitando ao aluno o aperfeiçoamento de sua competência leitora.”

Resposta 4: “De suma importância para o aluno se conectar com textos de diversos gêneros, a fim de incentivá-los à leitura.”

As respostas escritas pelos professores podem parecer diferentes, mas têm o mesmo direcionamento, qual seja, possibilitar ou auxiliar o aluno a vivenciar novas experiências, desenvolver sua leitura, escrita e oralidade, ou mesmo na sua formação enquanto cidadão.

Como visto no capítulo dois deste trabalho, os gêneros de fato transportam o aluno para uma realidade que pode ter diversas facetas a depender da metodologia do professor. O gênero pode ser ensinado de diversas formas, e com base nas respostas dos professores, percebemos que em sua didática, os gêneros parecem ter sua devida importância, pois há um reconhecimento unânime da importância do trabalho com os gêneros textuais, no sentido não apenas de ampliar as capacidades leitoras e escritas, mas também de desenvolver a criticidade do aluno.

Um dado curioso da primeira resposta é que o professor parece fazer uma distinção entre os gêneros textuais e literários e os “gêneros tradicionalmente ensinados em sala”, parecendo querer dizer, com a resposta, que na sala de aula tradicional não há espaço para o trabalho com gêneros diversos, mas apenas com alguns tipos de gênero.

Outro fator importante e que pode ser destacado é a questão da “contextualização”, marcada na segunda resposta dada, numa referência ao fato de que trabalhar textos que fazem parte do cotidiano do aluno pode auxiliar seu interesse na leitura, escrita ou no aprendizado de gramática, a depender do que espera o professor.

8º questão: Como professor de língua portuguesa, o quanto você está acessível a ensinar novos gêneros além dos que são dispostos no livro didático? Marque a opção que mais equivale sua acessibilidade: (5 - estou muito acessível, 0 - não estou nada acessível)

Com relação a essa questão, três professores marcaram a opção 5, que corresponde a estar muito acessível, e um professor marcou a questão 4, que é apenas um nível a menos de uma disposição muito segura.

De acordo com as respostas, podemos perceber que todos os professores se encontram inclinados a inserir novos gêneros nas suas aulas, mesmo que um deles pareça não se sentir tão seguro assim, embora sua resposta tenha sido positiva. Isso demonstra que por mais usual que seja seguir o padrão de ensino do livro didático, já disposto na rotina docente, cada vez mais professores estão adeptos a não seguirem à risca tal procedimento, o que de fato é uma amostra positiva para o ensino e principalmente para a ampliação dos letramentos digitais, por exemplo, que predispõe de novo hábitos tanto dos professores quanto dos alunos.

Acreditamos, também, que essa predisposição positiva ao trabalho com novos gêneros tenha relacionamento com os pressupostos da BNCC, documento oficial mais recente que indica para o trabalho com a leitura, escrita, oralidade e análise linguística, uma série de gêneros mais atualizados e frutos das novas práticas de linguagem observadas nas inúmeras plataformas digitais e redes sociais.

9ª questão: Você já ouviu falar, estudou, ou analisou o gênero Fanfic?

Aqui, começamos a especificar nosso propósito de pesquisa, que era observar o conhecimento de professores e alunos sobre um gênero específico, a fanfic. Obtivemos, nas respostas, um empate: dois professores responderam que sim, conheciam o gênero; e dois responderam que não, não conheciam o gênero a fundo, embora um deles já tivesse ouvido sobre ele.

Embora nosso universo de informantes seja, infelizmente, reduzido e não possa demonstrar em larga escala se o gênero é mais ou menos conhecido, acreditamos que o resultado

revelou que, embora seja teoricamente novo, o gênero fanfic não é tão estranho e desconhecido como pode ser pensado. Mais uma vez, voltamos à BNCC que, dentre muitos outros gêneros digitais, destaca o trabalho com as fanfics como uma possibilidade de se trabalhar questões de língua, além de “práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias” (BRASIL, 2017, p. 157). Sendo assim, embora não tenham familiaridade e profundidade sobre o tema, de forma geral, os professores conheciam um pouco sobre ele.

10ª questão: Caso a resposta acima seja sim, marque a opção que corresponde a onde você ouviu falar deste gênero: () na internet () em revistas e livros () através de alunos () através de pessoas próximas a mim () outros.

Como dito anteriormente, não necessariamente os professores que responderam “não”, na assertiva anterior, de fato, nunca tinham tido contato com o gênero fanfic, e isto se confirma nesta questão, pois três dos quatro professores responderam que tiveram contato com o gênero pela internet. Isso de fato ocorre, pois, o gênero é geralmente encontrado no ambiente digital. São raras as aparições deste gênero em um ambiente fora da internet, dessa forma, podemos dizer que ele é um gênero “exclusivo” das plataformas digitais. Também indica o fato dos professores, em sua maioria hoje em dia, terem acesso e familiaridade com a internet.

11ª questão: Diante da breve explicação sobre o que é Fanfic, realizada na apresentação do questionário, ou de seu prévio conhecimento sobre o gênero (se for o caso), acha que é possível inserir esse gênero nas atividades de leitura e escrita propostas em sala de aula? Justifique.

No início do questionário, elaboramos um pequeno texto explicando qual o objetivo da pesquisa e nele, expomos uma breve apresentação do gênero fanfic, que dizia: “Fanfic ou Fanfiction é o termo utilizado para descrever um gênero textual e literário que vem ganhando repercussão na internet, apesar de não ser um gênero tão moderno quanto se pensa. Apenas com o grande movimento de textos literários, best-sellers e uma variedade de elementos da cultura pop, as fanfics geraram grande entretenimento para o público juvenil que tinha desejos de fazer uma releitura ou até mesmo utilizar como base uma história que já existe e que é muito apreciada por fãs, essa releitura é denominada de Fanfiction, ou, ficção de fã”.

As respostas foram:

Resposta 1: “Sim. As fanfics, por serem escritas por fãs e serem um gênero forte na literatura juvenil, possibilitam que os alunos se interessem mais e permitam que novos gêneros sejam discutidos em sala.”

Resposta 2: “Sim, porque o gênero trabalha com assuntos atuais e de interesse, principalmente, ao público jovem.”

Resposta 3: “Sim, pois possibilitaria uma melhor aceitação ao trabalho docente e daria mais incentivo para os alunos desenvolverem suas habilidades na leitura.”

Resposta 4: “Sim. Por ser um gênero pouco divulgado nas escolas da rede pública.”

Podemos observar aqui, que todos os professores, e até mesmo o professor que não tinha tido contato anterior com o gênero, expuseram um posicionamento favorável à inserção do gênero fanfic em sua sala de aula. Os professores deram avaliações positivas sobre a fanfic em suas assertivas, ao indicarem que seria possível a sua inclusão nas aulas de Língua Portuguesa. Tais propostas seriam voltadas para o trabalho com leitura e para desenvolver o interesse e curiosidade dos alunos.

Nas respostas 1 e 2, os professores destacam que as fanfics circulam, principalmente, no universo juvenil, o que deixa entender que a própria natureza do gênero pode atrair a atenção dos jovens, já que trata de temas de seu interesse, como filmes, livros de ficção, séries, entre outros. Esse dado apresentado pelos professores pode se relacionar, também, com o fato dos jovens terem predominância no mundo digital. Segundo dados obtidos por Coscarelli (2011, p. 160), o uso do computador por faixa etária é de 79% entre jovens de 15 a 24 anos, e as fanfics, como sabemos, desenvolvem-se nesse ambiente. O professor que deu a resposta 1 ainda destaca o fato desse gênero poder despertar a curiosidade dos jovens, e mesmo abrir portas para a aceitação de novos gêneros.

Na terceira resposta também observamos a ideia de que a inserção do gênero fanfic pode ampliar as capacidades leitoras. Na fala do segundo professor, destacamos a assertiva “possibilitaria uma melhor aceitação ao trabalho docente”, o que nos deixa antever que, ao dizer que o gênero traria melhor aceitação ao trabalho docente, o professor está afirmando que há pouca aceitação a esse trabalho, talvez, inclusive, pelo aparecimento insuficiente de textos que sejam mais próximos do cotidiano do aluno.

Outro ponto interessante encontramos na resposta 4, em que o professor afirma que seria sim interessante incluir a fanfic em sua sala de aula, pois, segundo ele, é um gênero pouco divulgado nas escolas da rede pública. Embora não tenhamos encontrado dados que confirmem que o gênero fanfic seja dificilmente trabalhado na rede pública de ensino, pela afirmação do

professor podemos considerar que, com base em sua experiência, ele relaciona o pouco trabalho com textos dessa natureza ao pouco espaço dado nas escolas públicas para o conhecimento de um gênero como a fanfic.

Como discutimos anteriormente, um gênero textual que é desenvolvido no universo digital precisa que alguns recursos tecnológicos estejam à mão. Embora, saibamos que o acesso à tecnologia hoje é bem mais amplo e a aquisição de um celular não seja uma exceção, outros recursos tecnológicos como uma boa internet são necessários para o efetivo trabalho com esses textos e essas plataformas. Assim, compreendemos a relação que o professor faz entre o trabalho com gêneros digitais e a escola pública, embora saibamos que essa não seja uma realidade fácil de mensurar.

12ª questão: Como professor, e diante do seu conhecimento sobre fanfics, você acha que a leitura de fanfics contribuiria com o aprendizado de leitura? Por quê?

Novamente organizamos uma pergunta com caráter reflexivo, que proporcionaria ao professor, na nossa visão, pensar sobre a relação entre o gênero trabalhado e o eixo leitura. As respostas foram:

Resposta 1: “Sim. O aluno sairia da zona de conforto - ou sairia até mesmo da mesmice. Outros gêneros permitem que os alunos reflitam e busquem conhecer.”

Resposta 2: “Sim. A leitura de fanfics contribuiria com o aprendizado de leitura dos estudantes, visto que os temas podem ser do interesse dos mesmos e poderiam utilizar a criatividade e a imaginação.”

Resposta 3: “Sim, pois por utilizar uma linguagem acessível ao jovem, despertaria o desejo por leitura.”

Resposta 4: “Apesar do pouco conhecimento do gênero em estudo, contribuiria sim.”

De acordo com as respostas obtidas, podemos perceber que os professores têm conhecimento que o gênero fanfic pode contribuir para o aprendizado da leitura, pois, segundo as afirmações, a linguagem acessível e a próxima relação do ambiente digital com a realidade do aluno poderiam favorecer o gosto pelo gênero e por conseguinte, a melhoria dos hábitos de leitura, levando em consideração o ambiente dinâmico e criativo que as fanfics proporcionam.

Na resposta 1, o professor destaca que o aluno sairia de sua zona de conforto, e da “mesmice”, o que de fato pode acontecer quando o aluno se depara com algo novo em sala de aula. Nesse aspecto, percebemos que o professor relaciona o aparecimento de uma novidade

em sala com o aumento da curiosidade e do “desejo”, como colocado na resposta 3, o que poderia estimular o hábito da leitura e favorecer o ensino de língua.

A leitura em si já é um exercício que promove o aguçamento da criatividade, proporcionando momentos de deleite e imaginação, como destacado na resposta 2. Quando feita de maneira desordenada, e sem um planejamento prévio do que se ler em sala de aula, a atividade pode se tornar problemática, viabilizando uma visão negativa da leitura.

Os resultados obtidos nesta questão apenas ressaltam o quanto os professores estão cientes dos efeitos que gêneros do universo juvenil e digital podem surtir em sala de aula, mesmo aqueles que não o compreendem plenamente, como o professor que deu a quarta resposta. Aqui, vale lembrar, mais uma vez, as orientações da BNCC, que relaciona a própria formação do “leitor-fruidor” ao maior contato com diversos tipos de leitura, entre elas, as que fazem parte da cultura digital e juvenil, onde se encaixam as fanfics.

13ª questão: Como professor, e diante do seu conhecimento sobre fanfics, você acha que seria possível pensar atividades de escrita do gênero? Por quê?

Quando falamos sobre a escrita de fanfics, estávamos buscando compreender se os professores estariam abertos a propor atividades de escrita que tivessem por resultado as fanfics. Deste modo, as respostas foram as seguintes:

Resposta 1: “Sim. A juventude se mostra fanática por determinados ídolos, bandas ou atores. Desta forma, o gênero fanfic poderia auxiliar na formação da escrita dos alunos”.

Resposta 2: “Sim. Porque, como dito, é atrativo para os estudantes, além do mais, é um gênero novo (ou criado a partir de outro gênero), que podemos tanto ver textos criados, criar e/ou comparar aos gêneros já existentes.”

Resposta 3: “Claro, porque esse gênero atrai os jovens para a leitura.”

Resposta 4: “Sim. Porque todo tipo de gênero textual é viável para ser repassado para os alunos.”

Mais uma vez, as respostas obtidas foram favoráveis ao trabalho com as fanfics, dessa vez, dentro de procedimentos didáticos pensados para o exercício da escrita, o que demonstra aceitação dos professores na inserção desse tipo de gênero em suas aulas de português.

Desta vez, as justificativas foram direcionadas à atenção dos jovens, assim como a atração que este público tem por gêneros do universo digital, pelos vários motivos citados anteriormente. Vale ressaltar que, a resposta 1 enfatiza o aspecto de que “a juventude se mostra

fanática por determinados ídolos, bandas etc.”, e a cultura pop cresce demasiadamente pelas décadas, levantando fãs pelo mundo todo. Os jovens demonstram interesse por diversos tipos de gêneros musicais, pessoas públicas e elementos audiovisuais, como filmes e séries, sendo assim, tais elementos são uma ponte para a construção de uma fanfic. Unir gostos pessoais com a vida escolar pode ser uma excelente via para o ensino de leitura e escrita.

Na resposta 4, o professor é favorável à utilização de fanfics para o ensino de escrita, mas, dessa vez, compreendendo que o trabalho com qualquer gênero pode influir no aprendizado das estratégias importantes à produção escrita.

Acreditamos que o trabalho de escrita de fanfics pode se diferenciar pelo fato da própria natureza das produções já exigirem um ambiente de compartilhamento e interação. Se é fato que é importante que as atividades de escrita sejam contextualizadas e voltadas para os leitores, a própria construção das fanfics, pelo aspecto da produção colaborativa, incentiva essa interação.

14º questão: As metodologias utilizadas pelos professores de língua portuguesa são em suma variadas e vão de acordo com um planejamento pessoal. Você concorda que as fanfics podem ser aliadas ao ensino de gramática, visto todas as características que este gênero apresenta para o público juvenil? Por quê?

O ensino de gramática, como citado nos capítulos anteriores, passou por diversos tipos de mudanças, desde o ensino padrão de gramática normativa, até o ensino de gramática mais funcional e sociointerativo. Com relação à décima quarta questão, as respostas foram:

Resposta 1: “Sim. Ensinar sobre gêneros textuais permite que o aluno perca o medo das aulas de português. Para os alunos, as aulas de português são basicamente gramática, o que não é verdade.”

Resposta 2: “Sim. Porque podem estimular a imaginação, a leitura e a escrita dos alunos.”

Resposta 3: “Sim, já que possibilita uma reflexão sobre leitura.”

Resposta 4: “Isso vai depender da aceitabilidade pelo público alvo (alunos), pois se eles não demonstraram interesse, não será um bom aliado.”

Como pudemos perceber nas respostas, apenas o professor que deu a primeira resposta se referiu especificamente à gramática. O professor que deu a quarta resposta referiu-se à

gramática de modo indireto e os outros dois continuaram discutindo sobre os eixos leitura e escrita.

A resposta 1 foi assertiva ao dizer que “para os alunos, as aulas de português são basicamente gramática, o que não é verdade”. Dentro do ensino de português existe uma variedade de conteúdos que são divididos entre grandes áreas, como a morfologia, a sintaxe e a literatura, por exemplo, e dentro dessas divisões há mais divisões possíveis. As aulas de português, nesse sentido, foram durante décadas pautadas pelo ensino da gramática normativa, o que fez, durante muitos anos, com que o próprio ensino de língua fosse compreendido como o aprendizado das regras gramaticais. Conforme a primeira resposta, o trabalho com gêneros, de maneira geral, pode influenciar a aproximação e o interesse do aluno pelas aulas de português, o que resultaria num maior aprendizado de gramática.

Como dissemos, as respostas 2 e 3 não se referiram ao aprendizado de gramática, mas relacionaram o trabalho com o gênero fanfic à leitura e à escrita. Sabemos que o ensino de gramática pode e deve estar relacionado ao trabalho com leitura e escrita, mas pelas respostas não podemos afirmar que os professores se referiam a essa perspectiva.

Na resposta 4, o professor vincula a possibilidade de trabalhar fanfics para o ensino de gramática a depender da aceitação e interesse do aluno. Para ele, se não houver esses componentes, esse trabalho não é um “bom aliado”. Pensamos na complexidade dessa afirmação, uma vez que o mesmo professor, anteriormente, afirmou que “todo gênero textual é viável para ser repassado para os alunos” e que são de “suma importância” para o trabalho com leitura.

Outro olhar a resposta dada pelo quarto professor nos leva a pensar que ele pode estar demonstrando preocupação com relação à realidade de suas turmas. Enquanto as outras respostas dadas focam aquilo que o gênero fanfic pode oferecer ao ensino, este último professor estaria mais focado no perfil de seu alunado, que pode não demonstrar interesse por esse tipo de atividade.

15º questão: Em suas práticas de ensino, quais gêneros mais atuais você utiliza para ensinar língua portuguesa?

Consideramos que seria interessante direcionar uma pergunta para as práticas de ensino do professor. Desta forma, as respostas poderiam revelar quais gêneros eram mais utilizados por eles.

Resposta 1: “Utilizo lista de compras, anúncios de classificados, telefonema, cardápios, dentre outros.”

Resposta 2: “Discursos literários.”

Resposta 3: “Narrativo, descritivo e informativo.”

Resposta 4: “Além dos gêneros escolares, utilizo os gêneros digitais e gêneros de uso social e do mundo do trabalho, que não são tão atuais, mas necessários.”

De acordo com as respostas obtidas, podemos observar que há diversidade na utilização dos gêneros por parte dos professores, o que pode caracterizar um trabalho além das propostas do livro didático. Importante observar que na resposta 4 existe a expressão “além dos gêneros escolares”, isso nos leva a crer que o professor está ciente de que existem os gêneros que são mais estudados na escola, e aqueles que ficam em segundo plano, ou que sequer são ensinados.

É interessante pontuar que na resposta 1, é possível perceber que o professor seleciona para o trabalho com a língua, gêneros com textos mais breves ou instrutivos, talvez, por se prestarem ao trabalho com algum aspecto da gramática determinado, algo que podemos pensar mas não afirmar. Nas respostas 2, 3 e 4, não fica muito preciso quais gêneros os professores utilizam, já que o terceiro professor fala sobre o “discurso literário”, que pode se apresentar em diversos gêneros textuais e o quarto cita os tipos textuais “narrativo, descritivo e informativo”, confundindo tipo com gênero textual. Embora o quarto professor demonstre conhecer antigos e novos gêneros textuais, também ele não define quais gêneros utiliza. Dessa forma, saímos dessa questão com a impressão de que os professores utilizam textos diversos em suas salas de aula, mas não podemos precisar quais sejam.

16º questão: De que forma, você professor/a acrescentaria o gênero fanfic em suas aulas de língua portuguesa?

Na última questão do formulário, e ao longo dele, questionamos os professores sobre seus conhecimentos sobre fanfic e possível ensino desse gênero no ensino básico. Achamos interessante, questionar também como eles acrescentariam o gênero fanfic em suas aulas de língua portuguesa, neste caso, nenhum professor havia trabalhado o gênero específico anteriormente, sendo assim, a pergunta seria direcionada à reflexão.

Resposta 1: “Nas aulas de leitura, de forma lúdica, para que ocorresse uma boa compreensão do conteúdo apresentado por meio do gênero em estudo.”

Resposta 2: “Após a leitura de uma narrativa desse gênero, discutiria com os alunos sobre a sociedade num geral, dando enfoque ao ídolo ali representado. Após a discussão proporia a criação de uma história a partir disso.”

Resposta 3: “Através de sugestões de leitura do gênero abordado numa perspectiva metodológica extraclasse. Após a aceitabilidade dos discentes, o introduziria na leitura deleite, escrita e também na gramática.”

Resposta 4: “Acrescentaria o gênero fanfic em minhas aulas de língua portuguesa para estimular o estudante a aprender, refletir sobre temas, aparentemente sem importância socialmente, mas que trariam reflexão, imaginação e gosto pelo aprendizado.”

Por fim, e após as muitas opiniões que os professores nos apresentaram sobre fanfic, eles fizeram uma reflexão sobre como poderiam aplicar este gênero em suas aulas de língua portuguesa. Vimos que as fanfics podem ser aplicadas para o ensino de leitura, escrita e gramática e para o ensino de literatura. Sendo assim, as respostas dos professores parecem se basear nisto. Três das quatro respostas apresentaram uma metodologia voltada à leitura, o que acaba ocorrendo devido ao fato da leitura preceder outros eixos de ensino, como escrita e aprendizado da gramática, por exemplo.

Considerando que as respostas dos professores se referem a possíveis metodologias utilizadas para suas turmas, é satisfatória a escolha de cada um em apresentar de formas diferentes o gênero fanfic, considerando também que eles têm em mente a realidade do ensino ao qual estão inseridos. As ideias propostas parecem, assim, ser interessantes quando se pensa neste contexto.

O gênero fanfic pode ser aplicado de diversas formas e é a sua capacidade de ser tão acessível e para todos os gostos que o torna um gênero tão versátil. Vejamos que, as respostas dos professores não parecem fugir da realidade, e não apresentam metodologias complexas, pelo contrário, suas respostas foram sucintas e objetivas. É interessante destacar a resposta do professor 4 que, mesmo acreditando ser um gênero “sem importância socialmente”, estaria disposto a trabalhar com ele por estimular a imaginação. Embora não concordemos com ele e acreditemos que as fanfics podem suscitar debates sobre temas socialmente relevantes, entendemos o fato do professor vincular o gênero à criatividade e à imaginação.

4.2 QUESTÕES APLICADAS JUNTO AOS ALUNOS E ANÁLISE DAS RESPOSTAS

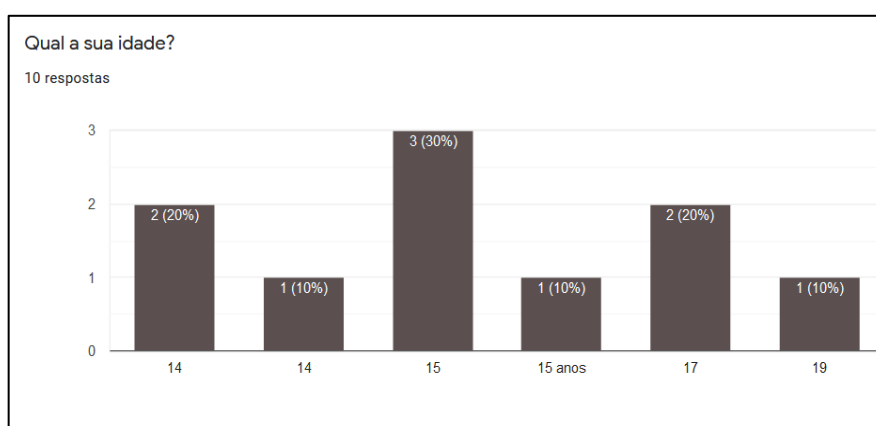
Após a análise dos dados adquiridos a partir do questionário respondido pelos professores, iniciaremos a análise do questionário respondido pelos alunos. Como dito no início deste capítulo, o questionário realizado para os alunos contou com doze perguntas que alternavam entre objetivas de múltipla escolha, e subjetivas, perguntas abertas e de livre resposta. Assim como o questionário dos professores, o questionário dos alunos também contou com perguntas relacionadas à leitura, à escrita e ao gênero fanfic. Ainda com o intuito de preservar a identidade dos envolvidos, continuaremos a utilizar o gênero masculino e a nos referir a eles por numeração.

A seguir, apresentaremos o questionário dos alunos, como também alguns gráficos que representam o resultado numérico das questões feitas, além das respostas e das reflexões sobre elas.

1º questão: Você concorda com os termos da pesquisa?

A questão inicial que também estava presente no questionário dos professores, contou com a resposta unânime e positiva dos alunos, estando todos de acordo, prosseguimos.

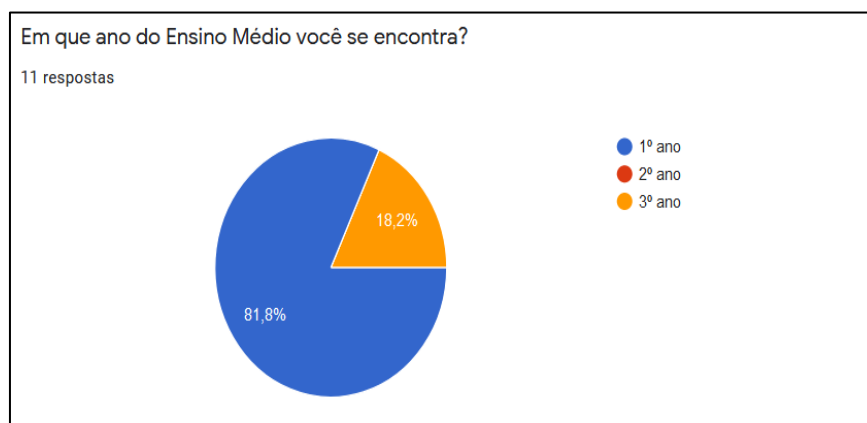
2º questão: Qual a sua idade?



Esta questão também foi pensada com o propósito de ter conhecimento sobre a idade dos alunos e fazer possíveis comparações com a análise das respostas posteriores. Nesta questão, obtivemos dez respostas. Por ordem crescente, três informantes têm 14 anos de idade, quatro informantes têm 15 anos de idade, dois informantes têm 17 anos de idade e um

informante têm 19 anos de idade. Levando em consideração que doze alunos participaram da pesquisa, pudemos perceber que dois alunos decidiram não responder a sua idade.

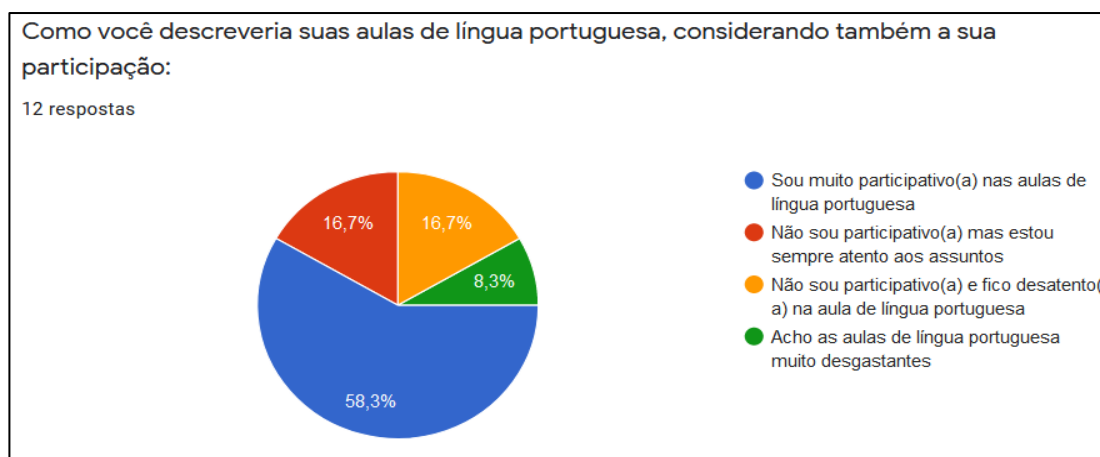
3º questão: Em que ano do Ensino Médio você se encontra?



Esta questão foi pensada para que observássemos se haveria alguma relação entre a série (ano) em que estudava e seu nível de conhecimento sobre gêneros textuais e sobre o gênero em questão, fanfic.

Obtivemos onze respostas, em sua maioria, nove informantes estavam no 1º ano do Ensino Médio, enquanto dois informantes estavam no 3º ano. Um dos informantes optou por não informar sua série. Sendo assim, percebemos que estaríamos lidando com respostas de jovens que pertenciam majoritariamente ao primeiro ano do Ensino Médio.

4º questão: Como você descreveria suas aulas de língua portuguesa, considerando também a sua participação:

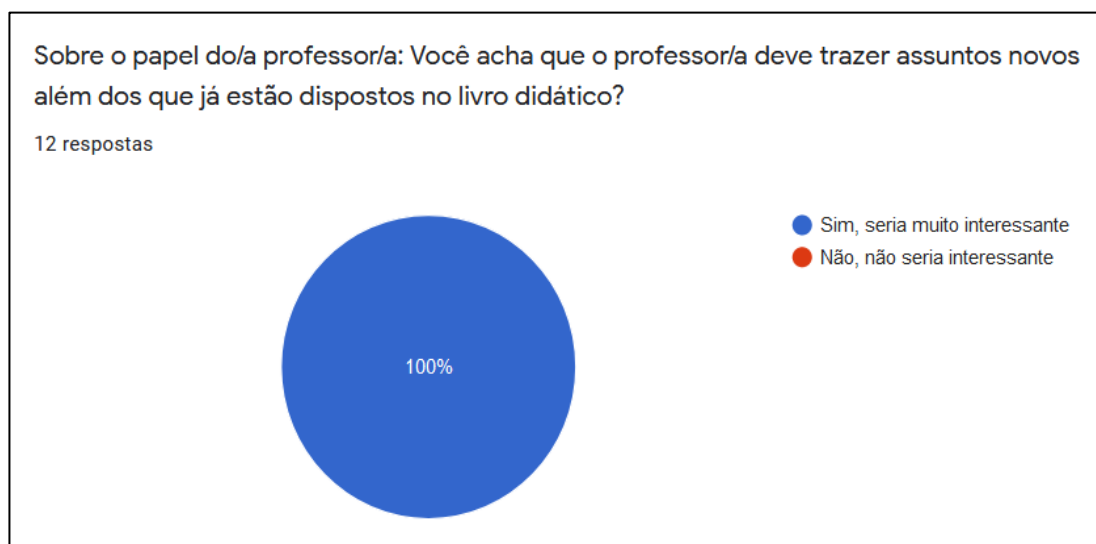


Nessa questão, obtivemos uma resposta de 100% dos informantes. Como podemos ver no gráfico, a maioria deles nos deu uma resposta satisfatória na opção “Sou muito participativo(a) nas aulas de língua portuguesa”, no total sete informantes marcaram tal afirmativa. Em seguida, dois informantes marcaram a alternativa “Não sou participativo(a) mas estou sempre atento aos assuntos”, dois informantes marcaram a alternativa “Não sou participativo(a) e fico desatento(a) na aula de língua portuguesa”, e um informante marcou a alternativa “Acho as aulas de língua portuguesa muito desgastantes”.

Conforme as respostas obtidas, observamos uma boa maioria indicando que, para eles, as aulas de Língua Portuguesa despertam interesse e, assim, eles sentem-se motivados para participar ativamente da aula. A diversificação das respostas indica, em nossa opinião, o que de fato acontece na sala de aula, que recebe um grupo diversificado de alunos, que demonstram níveis de interesse diferentes pelas diversas disciplinas.

Não esperávamos respostas completamente positivas a essa questão e, assim, confirmamos que uma parte dos alunos não apenas demonstram desinteresse pela disciplina, mas a acham desgastante, o que corrobora com as leituras que fizemos, que relacionam o modo tradicional da aula de português, baseada no ensino das regras gramaticais, a um maior nível de repulsa do aluno pela disciplina. Ou seja, o ensino de português acaba se vinculando ao aprendizado unicamente de gramática normativa, o que afeta, inclusive, o gosto dos alunos pela leitura.

5º questão: Sobre o papel do/a professor/a: Você acha que o professor/a deve trazer assuntos novos além dos que já estão dispostos no livro didático?



Pensando na opinião dos alunos quanto aos procedimentos do professor, e propondo uma reflexão sobre o desejo de aprender assuntos que não estão dispostos no livro didático, houve uma resposta unânime dos informantes. Fazendo uma ligação com a pergunta e as respostas anteriores, percebemos que até mesmo os informantes que responderam não participar das aulas de português ou achavam desgastante, nos deram uma resposta positiva sobre uma possível mudança na metodologia dos professores a favor de trazer novos conteúdos não relacionados ao livro didático, mas que acrescentassem didaticamente da mesma forma.

Sobre essa questão e as respostas dadas, acreditamos que, mesmo os livros didáticos da atualidade que, como sabemos, já apresentam uma grande diversidade de textos, não chegam a contemplar totalmente – nem poderiam – todas as inovações presentes, inclusive, na vida do aluno. Com relação aos gêneros digitais, principalmente, uma parte dos livros didáticos não chegam a acompanhar as atualizações, embora estas estejam, muitas vezes, presentes na vida dos alunos. Assim, pela resposta unânime favorável a novas práticas, entendemos que há o desejo geral que outros gêneros e outras práticas façam parte do cotidiano das aulas de português e literatura.

6º questão: Quais gêneros literários você inclui em suas leituras habituais e quais você se interessaria mais a ler? Ex: suspense, romance, poesia...

Esta pergunta teve como propósito investigar o hábito de leitura dos alunos, especificando os gêneros literários que eles apreciavam. As respostas foram:

Resposta 1: “Thriller Policial, poesia e fanfic.”

Resposta 2: “Suspense, mistério e ficção científica.”

Resposta 3: “romance, suspense e terror psicológico”

Resposta 4: “suspense, terror psicológico, romance”

Resposta 5: “romance, drama, suspense, e poesia.”

Resposta 6: “romance/fantasia”

Resposta 7: “Romance”

Resposta 8: “Ficção e romances”

Resposta 9: “suspense, romance, fantasia, terror, drama, thriller”

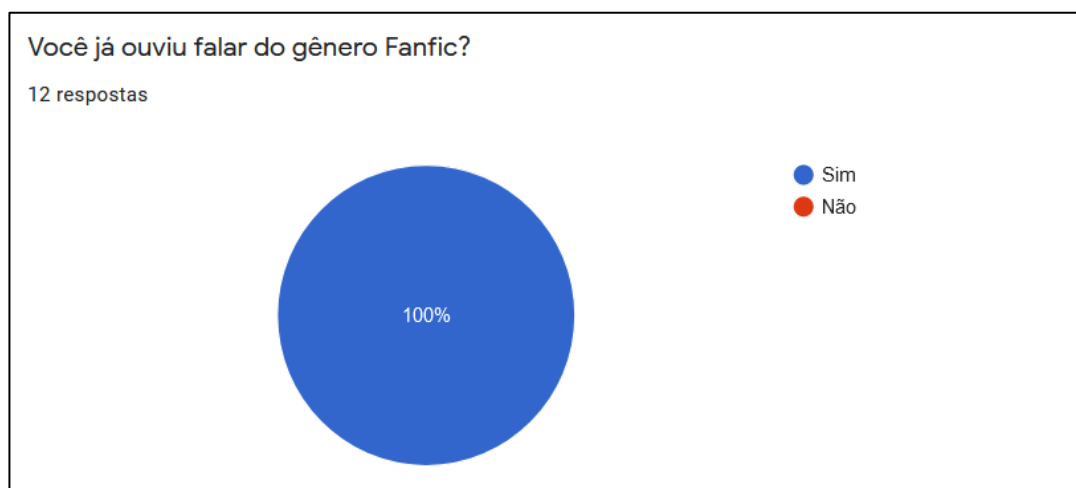
Resposta 10: “Fantasia”

Resposta 11: “Suspense, Ação, Investigação”

Resposta 12: “Fantasia principalmente (acredito que por conta da realidade atual o escapismo é uma saída)”

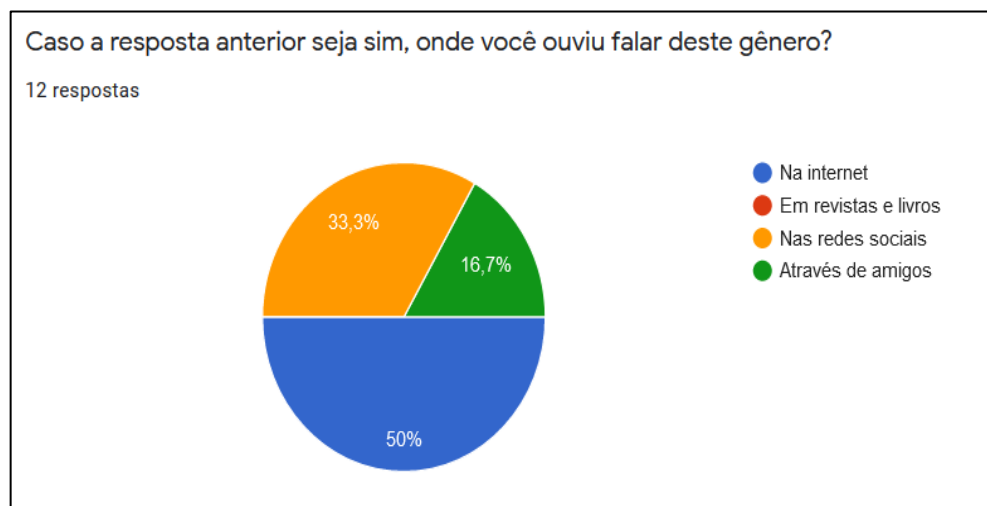
Diante das respostas obtidas, observamos que os gêneros romance, suspense e fantasia predominam entre os gêneros literários mais lidos entre os informantes. Vale ressaltar que, na resposta 1, o informante ainda incluiu o gênero fanfic entre os que ele mais lia, e na resposta 12, o informante acrescentou sua opinião sobre o gênero fantasia, onde relata que o lê habitualmente pois acredita que este gênero traria um escapismo da realidade atual do mundo em que vivemos. De fato, o gênero fantasia proporciona tal sentimento, pois inclui elementos que não estão dispostos no mundo “real”, atualmente, vivenciando, para além dos problemas corriqueiros, uma pandemia.

7ª questão: Você já ouviu falar do gênero Fanfic?



Obtivemos 12 respostas, de forma unânime e positiva, o que nos satisfez visto que entraríamos em questões específicas sobre fanfics, foi de suma importância que os informantes já tivessem conhecimento sobre o gênero para melhor expressarem suas opiniões. A resposta unânime e afirmativa também corroborou nossas hipóteses iniciais que diziam que, embora o gênero pudesse ser mais desconhecido por parte dos professores, ele seria mais conhecido pelos alunos que, integrados e familiarizados com a internet e com as redes sociais, possivelmente, conheciam o gênero.

8ª questão: Caso a resposta anterior seja sim, onde você ouviu falar deste gênero?



Observamos que a metade dos informantes ouviu falar do gênero fanfic na internet, 4 informantes ouviram falar dele nas redes sociais, e 2 informantes através de amigos. Concluimos que os meios os quais os informantes tiveram conhecimento sobre fanfic são de forma geral os mais comuns, visto que as fanfics são encontradas na internet, e frequentemente divulgadas através das redes sociais.

É interessante, ainda, perceber a resposta dos dois alunos que relataram conhecer o gênero por intermédio de amigos, o que nos informa da natureza interativa do gênero que, para ser construído, conta com a adesão de pessoas que compartilham dos mesmos gostos. O gênero fanfic pode, assim, também, propiciar a leitura e escrita compartilhada e interativa, mostrando-se um gênero que pode contribuir para o ensino da língua.

9ª questão: Diante da breve explicação sobre o que é uma Fanfic, na apresentação do questionário, você como aluno, sente interesse em conhecer mais sobre o gênero e se possível que ele fosse ensinado nas aulas de português? Por quê?

Como explicado anteriormente, elaboramos um pequeno texto no início do questionário, a fim de explicar o objetivo do gênero na pesquisa. Obtivemos as seguintes respostas:

Resposta 1: “Sim, pois é uma forma a mais de se incentivar a leitura dos alunos, além de seus pensamentos críticos.”

Resposta 2: “Talvez, se for introduzido de uma maneira saudável, acredito que ele poderia fazer parte do Ensino Médio.”

Resposta 3: “sim, pode ajudar outras pessoas a começar o hábito da leitura.”

Resposta 4: “sim, acho mt interessante.”

Resposta 5: “sim, eu leio muitas fanfics é como se fosse um entretenimento. Seria interessante trabalhar com isso em aula”

Resposta 6: “Sim, por conta que é um gênero textual mais jovem, e pelo fato de que todos nós podemos escrever uma fanfic, podemos dizer que a fanfic é um gênero que abrange todas as idades.”

Resposta 7: “Sim, pois pode haver desenvolvimento de criação de textos e criatividade”.

Resposta 8: “Sim, acho muito interessante e criativo”

Resposta 9: “Sim, por ter uma história muinto (sic) interessante principalmente por ser feito por fã, quase sempre traz àquilo (sic) que os fãs queiram.”

Resposta 10: “Sim, seria interessante por abrir um espaço para novas idéias de texto e afins porém é impossível ignorar a sobrecarga de alguns conteúdos por cima de outros no Ensino Médio. Inserir fanfics seria agradável porém corre o risco de ser ignorado por "não ser importante".

Resposta 11: “Sim, acho muito interessante”

Resposta 12: “Sim, pois é um gênero muito utilizado por jovens escritores com muito potencial e que não tem o devido reconhecimento, e é também o único acesso a leitura para algumas pessoas.”

Entre respostas curtas e um pouco maiores, todos os informantes da pesquisa contribuíram nesta questão. De forma geral, podemos observar com satisfação que a opinião favorável à inclusão do gênero fanfic nas aulas de língua portuguesa foi unânime. Podemos analisar, então, algumas respostas que se destacaram.

Podemos dizer que, mesmo as respostas mais enfáticas, como “sim, acho muito interessante”, demonstram que os alunos estão abertos para o ensino de gêneros diversos. Na resposta 1, pudemos perceber que o aluno acha que o gênero favorece o desenvolvimento do pensamento crítico e o gosto pela leitura. Isso de fato ocorre quando percebemos que a fanfic é um gênero que contempla muitos gostos pessoais, se relacionando aos interesses daquele que lê e escreve o gênero.

Na resposta 2 é interessante observar que o informante coloca uma condição para que a inclusão aconteça, que é de “se for introduzido de forma saudável”. Pensamos que essa ‘maneira

saudável’ pode ser descrita como “didática”. A didática, juntamente com o planejamento do professor fazem a diferença no papel do ensino, isso pode ser um diferencial para que os alunos aprendam de uma forma divertida e saudável, como o informante acrescentou.

Na resposta 5, temos outro ponto de vista, pois o informante acrescenta que o gênero fanfic é como se fosse um entretenimento em suas leituras. Vale ressaltar que por se tratar de um gênero “informal” e menos burocrático, muitos o intitulam como um entretenimento, em que não há dificuldade de leitura, visto que a escrita é simplificada e muitas vezes voltada para uma idade específica. Neste caso, o apontamento de que as fanfics possam ser um entretenimento nos faz observar que se o incluirmos em sala de aula, o ensino de leitura poderia ser tratado com maior aceitação.

Na resposta 7 há a justificativa de que o gênero poderia ampliar o desenvolvimento da criação, bem como da produção de textos e também da criatividade. Interessante observar por este ponto de vista, pois as fanfics são nada mais que ficções de fãs, sendo assim, o que um fã não gostou em uma obra cinematográfica, por exemplo, ele pode transformar, elaborando um enredo e utilizando sua criatividade para construir um texto com caminhos e desfechos alternativos, ou utilizar um enredo que já foi criado e criar uma história alternativa com personagens diferentes, dessa vez, elaborando um enredo original pensado por esse autor. Esse pensamento dialoga com a resposta 9, em que o aluno explica que seria interessante trabalhar fanfics em sala de aula pois são feitas por fãs, e trazem sempre aquilo que os fãs querem.

Na resposta 10 temos mais uma opinião interessante. O informante explica que seria interessante aplicar as fanfics em sala de aula, porém, o seu conteúdo poderia ser considerado “menos importante” devido a intensa carga horária de assuntos no ensino médio. Podemos perceber aqui que o informante tem consciência de que está lidando com algo que precisa ser planejado com cuidado. Sabemos que os conteúdos presentes no ensino médio são, em grande parte, voltados para os vestibulares, sendo assim, haveria uma pequena parcela de tempo para planejar algo que fugiria deste cenário.

Por fim, a resposta 12 nos traz uma reflexão sobre o tema tratado. Primeiro, analisamos a afirmativa de que a fanfic é um gênero produzido por vários jovens escritores com potencial, mas que não têm seu devido reconhecimento. Esta afirmação traz de volta o argumento de que as fanfics não fazem parte de um gênero literário devidamente reconhecido e que, por estar no ambiente digital de forma exclusiva, não seria considerado um gênero de relevância. Entretanto, vimos que muitos jovens estão encontrando nas fanfics uma porta para a leitura e a escrita, e mesmo que o mérito de gênero literário não seja dado a essas produções, não podemos excluir

o fato de que a fanfic promove o incentivo à leitura e à escrita, capacidades primordiais no ensino.

Best Sellers, como “Cinquenta Tons de Cinza” surgiram como uma fanfic de Crepúsculo, “After” surgiu como fanfic do cantor Harry Styles, “Instrumentos Mortais” também surgiu como fanfic do universo Harry Potter e até mesmo William Shakespeare, em “Romeu e Julieta”, utilizou como inspiração o poema “The Tragic History of Romeu and Juliet” de Arthur Brook, considerado assim como uma espécie de fanfic. Todas as obras citadas acima são reconhecidas internacionalmente, recebendo seu prestígio, entretanto, foram um dia fanfics, e obras pensadas por fãs que posteriormente viraram autores de suas próprias histórias.

O décimo segundo informante também explica que a fanfic é o único acesso que alguns indivíduos têm à leitura. Essa afirmação pode ser vista como exagerada, entretanto, se reformulada, podemos confirmar que ela pode não ser o único acesso, mas pode ser o único gênero literário que uma pessoa habitualmente lê. Podemos pensar também, que em um mundo globalizado e de muita acessibilidade à tecnologia, as pessoas estão cada vez mais utilizando seus celulares ou computadores para lerem. Como as fanfic estão nos ambientes digitais, isso proporciona mais conforto para estes leitores em específico.

Outro fator que podemos pontuar é o valor aquisitivo alto de algumas obras, menos acessíveis impressas e mais acessíveis virtualmente, o que torna o acesso virtual a esses textos e obras ainda mais atrativos.

10ª questão: Caso sua resposta acima tenha sido sim, comente sobre o seu interesse sobre o gênero e porque seria interessante o seu estudo nas aulas de português:

Esta questão serve como um complemento da questão anterior. De acordo com as respostas a seguir, pudemos analisar várias perspectivas sobre o tema:

Resposta 1: Porque os alunos já estão acostumados a ler muita coisa na internet, cansados de ler coisas "clássicas" que eles podem considerar ultrapassadas, e esse tipo de leitura se aproxima mais deles.”

Resposta 2: “Não tenho muito interesse, mas acho que o uso a fanfic é um modo saudável de se introduzir a gramática, por ser um assunto que é do universo jovem.”

Resposta 3: “Comecei a ler fanfic bem cedo e a partir disso, comecei a ter mais interesse por outros livros também.”

Resposta 4: “acho que os alunos gostariam de algo diferente”.

Resposta 5: “eu gosto muito de ler e até me arrisco a escrever, acho que meus colegas de classe iriam gostar se conhecessem mais sobre e lessem de alguma forma gêneros que gostassem”.

Resposta 6: “Seria interessante para que mais pessoas possam conhecer e se familiarizar com esse "novo" gênero.”.

Resposta 7: “Seria um assunto novo”.

Resposta 8: “Teria mais interatividade, e os alunos conseguiriam interagir mais com os demais.”

Resposta 9: “Além de gerar maior interesse dos estudantes pode ajudar a ter mais leitores "boas histórias atraem bons leitores””.

Resposta 10: “O ensino da língua portuguesa muitas vezes se encontra limitado a grandes clássicos das Escolas Literárias com isso muitos alunos não despertam o interesse na leitura e/ou na escrita. Com a inserção das Fanfics poderia se tornar mais próximo da juventude assim influenciando para uma boa leitura e escrita”.

Resposta 11: “O gênero é interessante em vários termos, mas principalmente pelos temas das fanfiques, e seria importante pra conhecer melhor várias coisas.”

Resposta 12: “Eu particularmente leio fanfics com frequência, e vejo muitos talentos e escritas surpreendentemente boas, pode ser um bom exercício de criatividade, pois a pessoa tem que criar um história baseada em condições e universos já existentes”.

Muitos pontos interessantes foram citados nas respostas dos informantes. Na resposta 1, temos uma afirmativa que nos leva a confirmar que o trabalho com os clássicos é essencial, no entanto, não pode ser a única forma de abordar a leitura entre os jovens. Seria lógico trabalhar também os gêneros que os jovens estão mais acostumados a ler, criando o interesse e o hábito de leitura. Seria interessante também, que o professor estivesse atento aos gêneros que os jovens leem, pois faria uma aproximação saudável entre o texto e as atividades que se propõem a desenvolver as habilidades de leitura e escrita.

A resposta 10 também toma o mesmo rumo que a resposta 1, pois o aluno defende que a fanfic poderia auxiliar na proposta ao ensino de gramática por se tratar de um gênero juvenil, e assim, instigar possivelmente o conhecimento das estruturas gramaticais necessárias para a criação desse gênero. O aluno 5 defende o trabalho com a fanfic, uma vez que o gênero só faz sentido quando parte do interesse do próprio aluno, então, é uma atividade que envolveria os gostos pessoais pelos textos, como já dito anteriormente.

A resposta 12 traz um adicional interessante às reflexões. O aluno revela que vê “muitos talentos e escritas surpreendentemente boas”, demonstrando que não é apenas leitor de fanfics, mas já é capaz de avaliar a escrita daqueles que produzem histórias. Esse depoimento nos remeteu à questão da avaliação colaborativa defendida por Antunes (2006), que orienta que o aluno leitor e escritor deve também ser um avaliador de seu texto e do texto de seus colegas.

11ª questão: Você acredita que as aulas de língua portuguesa, especificamente as aulas de produção textual, seriam mais proveitosas se houvesse uma proximidade com a realidade do aluno? Por quê?

Resposta 1: “Sim, pois seria mais fácil de se expressar, as palavras fluiria melhor.”

Resposta 2: “Não, acho que quanto mais criatividade podemos usar melhor e mais agradável se tornar aprender”

Resposta 3: “Sim, seria até mais fácil eu acredito, dependendo do assunto teríamos uma noção maior. Se expressar para algumas pessoas é um pouco difícil. Então ajudaria no meu ponto de vista”

Resposta 4: “Sim, daria pra entender melhor e para interagir também”

Resposta 5: “Sim”

Resposta 6: “Sim! faz com que a gente tenha mais interesse nas aulas.”

Resposta 7: Sim, por que seria um assunto de vários gêneros e no texto existe muitas coisas que nos deixam curiosos para saber e aprender mais.”

Resposta 8: “Sim, pois teria como o aluno se sentir como o personagem no cotidiano”

Resposta 9: “Eu acredito que sim, pois é preciso uma forma de compreensão aos interesses dos alunos para que assim as classes no geral participem mais”

Resposta 10: “Sim, já que teriam uma liberdade maior para falar sobre seu meio social, suas ansiedades e tudo o mais.”

Resposta 11: “Sim, a partir do momento o qual a escola se adapta a temas do nosso universo (Universo Adolescente), gerasse um interesse maior por parte dos alunos nessa faixa etária.”

Resposta 12: “Por um lado sim, tenho preferência pessoal de escrever contos fantasiosos porém pode se considerar interessante”

Como observado, no geral, as respostas estão inclinadas à aceitação de uma nova metodologia que aproxime a realidade do aluno com os assuntos abordados na sala de aula.

Atenção à resposta 2, em que o informante pode ter se confundido em sua resposta “não”, uma vez que logo após argumenta positivamente, criando uma contradição.

As defesas se aproximaram em sua maioria no argumento de que haveria um maior entendimento dos assuntos, o interesse nas aulas aumentaria, haveria maior facilidade de expressão e interatividade entre a turma e o professor, isso tudo com apoio da escola e sua possível adaptação para essa realidade em que se aproximaria do aluno, de seu contexto, e de seus gostos literários.

Visto que a escola é como uma segunda casa para muitos jovens, a aproximação com a realidade deles traria resultados positivos, e é possível que até mesmo o professor fosse ajudado nesse quesito, pois suas aulas se tornariam mais agradáveis, com turmas participativas, comunicativas e com a aprendizagem efetiva, gerando um retorno benéfico tanto para o aluno, quanto para o professor.

Destacamos, ainda, a resposta 10, em que o aluno enfatiza a maior liberdade proporcionada pelo gênero fanfic, que permite, inclusive, que o aluno fale de suas “ansiedades”, o que demonstra um desejo ou mesmo necessidade das atividades de escrita proporcionarem o exercício de autoria, da escrita de si, como uma atividade que pode ir além do escrever para ser avaliado ou para treinar a redação do Enem, mas, de outra forma, que proporcione o escrever para comunicar suas experiências pessoais e sociais.

12ª questão: Você consegue perceber alguma contribuição do gênero Fanfic nas aulas de gramática? De que forma essa contribuição poderia acontecer?

Após questões sobre leitura e produção textual, finalizamos com uma questão que complementasse o que seriam as bases do ensino de língua portuguesa. Obtivemos as seguintes respostas:

Resposta 1: “Sim, contribui na formação dos próprios textos.”

Resposta 2: “Sim, em aulas de criação de texto”.

Resposta 3: “pode trazer um interesse maior trabalhando vários tema e conhecimento de gênero no geral”

Resposta 4: “não muito, poderia acontecer mostrando diversos temas das fanfiques, explicando sobre e etc”

Resposta 5: “Sim! Lendo ou escrevendo uma fanfic (já que é algo mais perto da nossa realidade) para desenvolver o hábito da leitura e escrita também, com palavras novas e etc.”

Resposta 6: “Nós fazendo nossa própria Fanfic dentro da sala de aula”

Resposta 7: “O pronomes”

Resposta 8: “Consigo sim, essa contribuição pode acontecer trabalhando linguagem formal e não formal e gírias”

Resposta 9: “Sim, seja através de uma melhor explicação de normas, ou através de atividades, como correções e questionários.”

Resposta 10: “Sim, no auxílio da escrita”

Resposta 11: “Essa contribuição pode servir por meio de um incentivo para a escrita e leitura dos jovens. Ex: "Turma hoje vamos falar sobre fanfics, muitos conhecem e queria saber exemplos" assim um pequeno debate pode ser iniciado, muitos alunos mantêm contos/poesias ou até mesmo livros (eu mesmo já fiz)”.

Nesta questão obtivemos onze respostas, um informante optou por não dar sua opinião sobre o questionamento. Sabemos que para as aulas de produção de texto acontecerem, é necessário que haja um trabalho sucinto com a gramática. Sendo as fanfics uma forma de criação de texto, o professor poderia utilizá-la, aliando-a com o ensino de gramática, assim como alguns informantes apontam nas respostas 5, 8, 9 e 10.

Nas respostas, pudemos perceber que não só a maioria acha que é interessante aliar o ensino de gramática ao trabalho com fanfics, como propõem assuntos possíveis de serem trabalhados. Nas respostas aparecem: ortografia, pronomes (mesmo que de forma solta), linguagem formal e informal e gírias. Além disso, como falamos, os estudantes relacionam a própria construção textual à necessidade de conhecimento da gramática da língua, por isso, muitas respostas vinculam escrita à gramática.

As respostas e as visões dos alunos nos levam a observar que eles compreendem que, para escrever um texto, precisam possuir conhecimentos gramaticais. Para além da imaginação e criatividade, necessários para a escrita de um gênero como fanfic, é imprescindível que se conheça sobre a estrutura linguística do português.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi exposto, diante dos resultados obtidos e da análise realizada nesta pesquisa, podemos afirmar que o uso do gênero fanfic nas aulas de língua portuguesa poderia, sim, trazer benefícios para a aula de Língua Portuguesa, com a condição de que etapas fossem planejadas para que a utilização deste gênero se desse de forma bem estruturada.

A finalidade desta pesquisa foi proporcionar uma reflexão sobre a inserção de gêneros atuais no ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, com o fim de proporcionar às turmas do ensino fundamental ou médio, o contato com gêneros que fazem parte de seu cotidiano, assim, a leitura, a escrita e o ensino de gramática poderiam estar vinculados a práticas interativas e dinâmicas.

No início desta pesquisa nos perguntamos até que ponto os professores de Língua Portuguesa estavam dispostos a modificar suas metodologias, a fim de transformar suas aulas em um ambiente de maior colaboração e aprendizado. Sabemos que atividades de natureza mais sociointeracionistas, aos poucos, adentram o cotidiano escolar e muitas atividades estão sendo propostas para combater os hábitos mecanizados de ensino, mas entendemos que isso ainda se dá de maneira lenta e ainda não é uma realidade geral.

Como foi visto nas respostas dadas através dos questionários, sabemos que existe uma crescente aceitação de professores do ensino básico aos novos gêneros, em que também se incluem os gêneros digitais, e que esses docentes estão cada vez mais dispostos em construir metodologias baseadas na realidade que os alunos estão inseridos. Da mesma forma, os alunos também estão em sua maioria prontos para fazerem de suas aulas de Língua Portuguesa um ambiente interativo e dinâmico, com base nos resultados analisados.

O estudo dos gêneros nos mostrou que existem mais deles do que podemos contar, e que é necessário um planejamento prévio do professor quando se trata de uma aula desse caráter. O gênero fanfic, como um dos mais modernos e juvenis, poderia contribuir de várias formas para o trabalho docente.

Nesse aspecto, também são ampliados os multiletramentos, pois, como foi insistentemente falado, as fanfics, por desenvolverem-se no espaço digital das redes sociais, exige que o aluno tenha habilidades não apenas de leitura e escrita, mas também, de navegação nos ambientes virtuais.

O ambiente escolar não precisa ser autoritário e conservador, e o professor carrega em si a capacidade de transformar ou adaptar algumas de suas práticas, caso compreenda a importância das inovações tecnológicas. Da mesma forma, as aulas de Língua Portuguesa não precisam girar em torno de regras e produções textuais que não têm finalidade além de preparar os alunos para o vestibular. O uso de novos gêneros pode e deve contribuir para as aulas de português, pois compreendemos que há a possibilidade de inserção de novas práticas com poucos recursos financeiros.

Sobre os questionários aplicados aos professores, consideramos que os resultados foram satisfatórios. Pudemos perceber que eles se mostraram dispostos a aplicar novos gêneros em suas aulas e também refletiram sobre as necessidades dos alunos, considerando aproximar suas metodologias às realidades desses alunos. Com relação ao fator idade, aventamos que isso poderia ser um fator importante. Contudo, observamos que esse não foi um motivo para que avaliassem a utilização de um gênero digital de uma forma adversa. Pelo contrário, visto que as respostas adquiridas foram no geral positivas e havia algum conhecimento sobre o gênero fanfic, os resultados demonstraram que os professores têm abertura para inserção de novas metodologias em suas aulas.

Foi interessante observar também que os professores, mesmo todos lecionando no ensino público, mostraram-se aptos a conhecer e trabalhar com o gênero estudado, nos ajudando a refletir sobre o fato de que as dificuldades financeiras, tão comuns nas redes públicas de ensino, são limitadoras, mas não decisivas quando se pensa em inserir novos métodos de ensino-aprendizagem.

Em relação aos alunos, foi interessante observar que de forma unânime conheciam o gênero estudado, o que acabou por confirmar nossas hipóteses iniciais que esse seria um gênero mais desconhecido pelo professor e mais conhecido do aluno. Observamos que, mesmo aqueles que demonstram antipatia pelas aulas de português, achando-a até mesmo ‘desgastante’, estão dispostos a participar de eventos em que a leitura e a escrita sejam estimuladas pelo ensino de gêneros mais próximos de suas vivências. Outro ponto de destaque foi a seleção de gêneros literários de seus gostos, em que o romance, o suspense e a fantasia ocuparam lugar de destaque, confirmando a hipótese de que para se trabalhar leitura e escrita é importante aproximar a realidade do jovem a obras com categoria juvenil.

Por fim, esperamos que, com os resultados obtidos nesta pesquisa, possamos alcançar professores de português dispostos a pensarem a inserção de novos gêneros textuais em suas aulas e que gêneros como a fanfic possam realmente fazer parte do cotidiano escolar do jovem aluno, que pode desenvolver suas habilidades leitoras e escritas por meio de práticas de linguagem originais e instigantes.

6. REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. *Língua, gêneros textuais e ensino: considerações teóricas e implicações pedagógicas*. Perspectiva, Florianópolis, v.20, n.01, p.65-76, jan./jun. 2002.

_____. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros curriculares nacionais (Ensino Médio) – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília, 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf. Acesso em 25 de maio de 2021.

CLEMENTE, Bianca Jussara Borges. O uso do fanfiction nas aulas de produção textual no ensino médio. 2013. 147 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

COSCARELLI, Carla Viana. Letramento digital no inaf. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.20, n.1, p. 153-174, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/viewFile/15221/9415>. Acesso em 29 de maio de 2020.

FERRAREZI JR., Celso; CARVALHO, Robson Santos de. *Produzir textos na educação básica: o que saber, como fazer*. São Paulo: Parábola, 2015.

_____. *De alunos a leitores - O Ensino da Leitura da Educação Básica*. [s. l.]: Parábola Editorial. 2017.

KLEIMAN, Ângela B. (org). *Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?* Campinas, UNICAMP/MEC, 2005.

LABOV, W. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1963.

LEITÃO, N. *As palavras também saem das mãos*. Noesis, 72, Janeiro/Março. (2008).

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de texto. In: L.A. Marcuschi, in: *Gêneros textuais. Reflexões e Ensino*. A.M. Karwoski, B.

Gaydeczka e K.S. Brito (organização). Luiz Antônio Marcuschi... [et al]. -4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais*: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela et al. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____. *Produção de texto, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

RIBEIRO, Ormenzinda Maria. Autores na plataforma: oficina de produção de textos no contexto das tecnologias de comunicação. *Anais do SILEL*. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

ROJO, Roxane. *Letramento e capacidades de leitura para a cidadania*. São Paulo: SEE: CENP, 2004. Texto apresentado em Congresso realizado em maio de 2004.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos. Artmed Editora. 2004. Artigo publicado pela revista Pátio – Revista Pedagógica de 29 de fevereiro de 2004, pela Artmed Editora. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40142/1/01d16t07.pdf>. Acesso em 18 de maio de 2021.

SOARES, Magda. *Letramento e alfabetização*: as muitas facetas. Minas Gerais: ANPED, 2003. Trabalho apresentado no GT Alfabetização, Leitura e Escrita, durante a 26ª Reunião Anual da ANPED, realizada em Poços de Caldas, MG, de 5 a 8 de outubro de 2003.

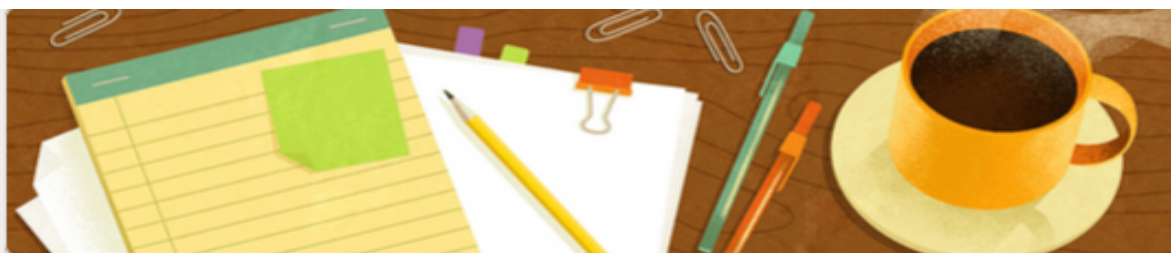
SOARES, Magda. *Letramento*: um tema em três gêneros. São Paulo: Autêntica 1999.

TAGLIANI, Dulce Cassol. O livro didático como instrumento mediador no processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa: a produção de textos. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*. Belo Horizonte, v.11, n.1, p. 135-148, 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbla/v11n1/v11n1a08.pdf> > Acesso em 18 de abril de 2021.

TENÓRIO, Gislene de Oliveira. A inserção de fanfictions no ambiente escolar: uma proposta de sequência didática. Trabalho apresentado no IV CONALI – Congresso Nacional de Linguagens em Interação de 2013. Disponível em: <http://www.dle.uem.br/conali2013/trabalhos/412t.pdf>. Acesso em 01 de junho de 2021.

APÊNDICE

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES



Ensino do gênero Fanfic nas aulas de língua portuguesa do Ensino Médio

Este formulário tem como objetivo contribuir com a pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da graduanda Izabelle Oliveira Bezerra de Lima, vinculada ao Curso de Letras - Língua Portuguesa da Universidade Federal da Paraíba, Campus IV- Mamanguape -PB. O referido estudo, cujo título é "O GÊNERO TEXTUAL FANFIC NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA", sob orientação da Profa. Dra. Fernanda Barboza de Lima, tem como objetivo geral analisar a importância do gênero Fanfic no ensino de língua portuguesa. Fanfics ou Fanfictions é o termo utilizado para descrever um gênero textual e literário que vem ganhando repercussão na internet, apesar de não ser um gênero tão moderno quanto se pensa. Apenas com o grande movimento de textos literários, best-sellers e uma variedade de elementos da cultura pop, as fanfics geraram grande entretenimento para o público juvenil que tinha desejos de fazer uma releitura ou até mesmo utilizar como base uma história que já existe e que é muito apreciada por fãs, essa releitura é denominada de Fanfiction, ou, Ficção de Fã. Considerando que este gênero traz autonomia e liberdade autoral, visto que, qualquer pessoa pode escrever uma fanfic desde que esta seja fã de algo ou alguma coisa, isto o torna um gênero muito juvenil, pois aproxima os jovens de ler e escrever enquanto os dá a liberdade de planejar e escrever suas narrativas de acordo com aquilo que ele gosta, além de incentivá-los a leitura fora dos padrões do livro didático.

Solicitamos a sua colaboração, PROFESSOR/A DE LÍNGUA PORTUGUESA QUE ATUA NO ENSINO MÉDIO, no sentido de responder este questionário, como também a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo no trabalho de conclusão de curso. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela Pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

A Pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário.

Gratidão por sua colaboração, PROFESSOR/A!

***Obrigatório**

Você concorda com os termos da pesquisa? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

Qual a sua idade?

Sua resposta _____

Qual seu nível de escolaridade?

- ☐ Superior incompleto
- ☐ Superior
- ☐ Especialização incompleta
- ☐ Especialização
- ☐ Mestrado incompleto
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutorado incompleto
- ☐ Doutorado

Com relação a sua pós graduação (se houver), especifique:

- ☐ Linguística
- ☐ Literatura
- ☐ Educação
- ☐ Outro

Você atua como professor de língua portuguesa na:

- ☐ Rede pública
- ☐ Rede privada
- ☐ Outro

Quanto tempo você atua como professor de língua portuguesa?

Sua resposta

Em sua opinião como professor/a qual o papel do ensino dos gêneros textuais e literários?

Sua resposta

Como professor de língua portuguesa, o quanto você está acessível a ensinar novos gêneros além dos que são dispostos no livro didático? Marque a opção que mais equivale sua acessibilidade: (5 - estou muito acessível, 0 - não estou nada acessível)

- ☐ 5
- ☐ 4
- ☐ 3
- ☐ 2
- ☐ 1
- ☐ 0

Você já ouviu falar, estudou, ou analisou o gênero Fanfic?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Caso a resposta acima seja sim, marque a opção que corresponde a onde você ouviu falar deste gênero:

- ☐ Na internet
- ☐ Em revistas e livros
- ☐ Nas redes sociais
- ☐ Através de alunos
- ☐ Através de pessoas próximas a mim

Diante da breve explicação sobre o que é Fanfic, realizada na apresentação do questionário, ou de seu prévio conhecimento sobre o gênero (se for o caso), acha que é possível inserir esse gênero nas atividades de leitura e escrita propostas em sala de aula? Justifique.

Sua resposta

Como professor, e diante do seu conhecimento sobre fanfics, você acha que a leitura de fanfics contribuiria com o aprendizado de leitura? Por quê?

Sua resposta

Como professor, e diante do seu conhecimento sobre fanfics, você acha que seria possível pensar atividades de escrita do gênero? Por quê?

Sua resposta

Como professor, e diante do seu conhecimento sobre fanfics, você acha que seria possível pensar atividades de escrita do gênero? Por quê?

Sua resposta

As metodologias utilizadas pelos professores de língua portuguesa são em suma variadas e vão de acordo com um planejamento pessoal. Você concorda que as fanfics podem ser aliadas ao ensino de gramática, visto todas as características que este gênero apresenta para o público juvenil? Por quê?

Sua resposta

Em suas práticas de ensino, quais gêneros mais atuais você utiliza para ensinar língua portuguesa?

Sua resposta

De que forma, você professor/a acrescentaria o gênero fanfic em suas aulas de língua portuguesa?

Sua resposta

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS



Ensino do gênero Fanfic nas aulas de língua portuguesa no Ensino Médio

Este formulário tem como objetivo contribuir com a pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da graduanda Izabelle Oliveira Bezerra de Lima, vinculada ao Curso de Letras - Língua Portuguesa da Universidade Federal da Paraíba, Campus IV- Mamanguape -PB. O referido estudo, cujo título é "O GÊNERO TEXTUAL FANFIC NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA", sob orientação da Profa. Dra. Fernanda Barboza de Lima, tem como objetivo geral analisar a importância do gênero Fanfic no ensino de língua portuguesa. Fanfics ou Fanfictions é o termo utilizado para descrever um gênero textual e literário que vem ganhando repercussão na internet, apesar de não ser um gênero tão moderno quanto se pensa. Apenas com o grande movimento de textos literários, best-sellers e uma variedade de elementos da cultura pop, as fanfics geraram grande entretenimento para o público juvenil que tinha desejos de fazer uma releitura ou até mesmo utilizar como base uma história que já existe e que é muito apreciada por fãs, essa releitura é denominada de Fanfiction, ou, Ficção de Fã. Considerando que este gênero traz autonomia e liberdade autoral, visto que, qualquer pessoa pode escrever uma fanfic desde que esta seja fã de algo ou alguma coisa, isto o torna um gênero muito juvenil, pois aproxima os jovens de ler e escrever enquanto os dá a liberdade de planejar e escrever suas narrativas de acordo com aquilo que ele gosta, além de incentivá-los a leitura fora dos padrões do livro didático.

Solicitamos a sua colaboração, no sentido de responder este questionário, como também a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo no trabalho de conclusão de curso. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, você não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela Pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

A Pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário.

Gratidão por sua colaboração!

***Obrigatório**

Você concorda com os termos da pesquisa? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

Qual a sua idade?

Sua resposta

Em que ano do Ensino Médio você se encontra?

- ☐ 1º ano
- ☐ 2º ano
- ☐ 3º ano

Como você descreveria suas aulas de língua portuguesa, considerando também a sua participação:

- ☐ Sou muito participativo(a) nas aulas de língua portuguesa
- ☐ Não sou participativo(a) mas estou sempre atento aos assuntos
- ☐ Não sou participativo(a) e fico desatento(a) na aula de língua portuguesa
- ☐ Acho as aulas de língua portuguesa muito desgastantes

Sobre o papel do/a professor/a: Você acha que o professor/a deve trazer assuntos novos além dos que já estão dispostos no livro didático?

- ☐ Sim, seria muito interessante
- ☐ Não, não seria interessante

Quais gêneros literários você inclui em suas leituras habituais e quais você se interessaria mais a ler? Ex: suspense, romance, poesia...

Sua resposta

Você já ouviu falar do gênero Fanfic?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Caso a resposta anterior seja sim, onde você ouviu falar deste gênero?

- ☐ Na internet
- ☐ Em revistas e livros
- ☐ Nas redes sociais
- ☐ Através de amigos

Diante da breve explicação sobre o que é uma Fanfic, na apresentação do questionário, você como aluno, sente interesse em conhecer mais sobre o gênero e se possível que ele fosse ensinado nas aulas de português? Por quê?

Sua resposta

Caso sua resposta acima tenha sido sim, comente sobre o seu interesse sobre o gênero e porque seria interessante o seu estudo nas aulas de português:

Sua resposta

Você acredita que as aulas de língua portuguesa, especificamente as aulas de produção textual, seriam mais proveitosas se houvesse uma proximidade com a realidade do aluno? Por quê?

Sua resposta

Você consegue perceber alguma contribuição do gênero Fanfic nas aulas de gramática? De que forma essa contribuição poderia acontecer?

Sua resposta
